

# Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira  
Proprietária: Casa Publicadora Angolana  
Redacção e Administração: Missão Adventista  
C. P 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo  
Lépi

NÚMERO AVULSO . . . . . 2\$00  
ASSINATURA ANUAL . . . . . 20\$00

Ano I — Número 3

Março de 1963

## Semana de Oração dos Missionários Voluntários

(16—23 DE MARÇO DE 1963)

*A Semana de Oração dos Missionários Voluntários é o período mais favorável à conversão da nossa juventude a Cristo. Há alguns anos atrás, os pais da fé viram os perigos que a Juventude Adventista do Sétimo Dia corria e destinaram esta semana especial, em que toda a Igreja deve trabalhar pela salvação da sua juventude.*

*O Departamento dos Jovens da Conferência Geral tratou cuidadosamente de proporcionar uma série de estudos para a Semana dos MV, que deve terminar por um apelo à consagração. Este material é apresentado em Angola num número especial do Boletim Adventista, na esperança de que seja uma ajuda para os que têm a responsabilidade de dirigir as reuniões da Semana de Oração.*

*Ao chegar a Semana da Juventude, deviam ser postos em foco os seguintes ideais:*

*1.º A nossa juventude deve ser encorajada a aproveitar esta oportunidade para partilhar a sua fé e levar jovens incrédulos a uma decisão por Cristo.*

*2.º Aqueles que estão desanimados e vacilantes perante o trono da graça, devem ser levados a uma nova consagração.*

*3.º A juventude da igreja que é espiritualmente forte, não se deve considerar demasiado madura na sua experiência cristã para negligenciar um reavivamento no seu próprio coração. A Semana dos MV deve levá-la a uma união mais íntima com o seu Salvador.*

*4.º Toda a igreja deve ser despertada para as grandes necessidades da juventude que está entre ela. Devem-se fazer planos especiais para a chamar para o serviço da Causa de Cristo.*

*Alguns lamentam que a Semana de Oração dos Jovens tenha apenas a duração de uma semana. Mas estão enganados neste ponto. A menos que os seus planos sejam persistentemente continuados, uma Semana de Oração será de muito pouco valor. Deve-se nesta semana procurar encaminhar jovens para uma classe baptismal previamente organizada. Devem-se organizar grupos, a fim de que cada jovem possa participar nalguma actividade missionária. Deve também haver um reavivamento no interesse pela Devoção Matinal e pelo Ano Bíblico. E, sobretudo, deve ser constantemente posto diante dos jovens da igreja, o facto de que Deus tem um plano para cada vida.*

*Estamos vivendo nas horas finais do 'uízo Investigativo, quando o coração dos jovens se deve abrir ao arrependimento. As impressões causadas e as experiências aprendidas na Semana de Oração da Juventude, devem ser longamente lembradas, não só pelos nossos jovens mas por todos os membros da igreja.*

## A maior interrogação da vida

Demos um passo atrás, no passado, e relembremos um incidente que ocorreu há 2.000 anos. Jesus o Filho de Deus, o Salvador dos homens, está perante o tribunal de Pôncio Pilatos, o governador romano. Falsos acusadores que tinham sido subornados pelos invejosos e perversos condutores dos Judeus, tinham esgotado a sua falsa ingenuidade e Pilatos ficara interiormente convencido da inocência de Jesus. A mulher de Pilatos tendo sido atormentada com sonhos durante a noite, mandou-lhe dizer: «Não entres na questão desse justo».

Num esforço para soltar Jesus, Pilatos decidiu seguir o costume daquele tempo que permitia a um prisioneiro escolhido pelo povo, ficar livre na festa da Páscoa. Ordenou que lhe trouxessem da sua cela, Barrabás, ladrão e assassino, e o pusessem ao lado de Cristo. Enfrentando a multidão, disse: «Qual quereis que vos solte? Ele tinha a certeza que a multidão iria pedir que lhes soltasse Jesus, mas para sua grande admiração eles gritaram por Barrabás. Foi então que Pilatos fez a pergunta mais importante da sua vida: «Que farei então de Jesus, chamado Cristo?» Mat. 27:22.

Na sua posição de governador romano dos Judeus, Pilatos tinha enfrentado muitas dificuldades e assuntos complexos, e para a sua solução, tivera que encontrar respostas oportunas satisfatórias. Mas a pergunta que fez naquele dia fatídico, foi a mais importante de toda a sua vida, não apenas como governador romano, mas como homem. Esta pergunta relacionava-se com o seu próprio destino eterno e a sua resposta a ela marcaria o seu futuro para toda a eternidade.

A mesma pergunta é feita a todos os que têm a oportunidade de conhecer a Cristo. Foi feita aos jovens durante todos os tempos e é-me feita a mim e a vós hoje. Que farei então de Jesus, chamado Cristo? Não podemos ignorar esta pergunta; não a podemos evitar,

Requer uma resposta de cada um de nós. Poderemos tentar empurrá-la para longe, poderemos ignorá-la, poderemos tentar adiar a nossa resposta e em consequência marcar o nosso destino eterno. Vamos descobrir porque razão esta pergunta é feita a cada um de nós e porque não podemos deixar de lhe dar a nossa resposta pessoal e individual.

Deus na Sua Palavra declara que «todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus» (Rom. 3:23). A palavra «todos» é global. Inclui-me a mim e a vós. Todos pecaram, e por consequência, todo o mundo é condenável diante de Deus (Rom. 3:19). A recompensa ou consequência do pecado é a morte (Rom. 6:23). Esta morte, não é a morte física com que as pessoas morrem por doença, desastre ou idade. A esta morte a Bíblia chama um «sono» do qual haverá um despertar. A morte que será o castigo final do pecado é a morte eterna. Esta morte significa separação eterna de Deus; irão para um lugar escuro, onde haverá pranto e ranger de dentes. Esta morte significa arder no lago de fogo no dia do julgamento final.

Não há nada que o homem possa fazer para se salvar a si próprio. A Bíblia mostra-nos isso claramente. Através do sábio Salomão, Deus desafia toda a família humana. «Quem poderá dizer», pergunta, «purifiquei o meu coração, limpo estou do meu pecado?» (Prov, 20:9). Este desafio tem ficado e ficará, sem resposta, pois através do profeta Jeremias Deus declara: «Pelo que, ainda que te laves com salitre, e amontoes sabão, a tua iniquidade estará gravada diante de Mim, diz o Senhor Jeová» (Jer. 2:22).

O homem não pode fazer nada para restituir à sua alma a pureza e a inocência. Não pode fazer expiação pelos seus pecados e erros. Ainda que a partir deste momento vós e eu obedecêssemos a Deus plena e perfeitamente, isso não nos ajudaria nem salvaria, pois a obe-

diência presente não expiaria os nossos pecados passados.

Vós e eu e todos os nossos irmãos, portanto, necessitamos de um Salvador, de alguém que seja capaz de fazer por nós aquilo que não podemos fazer. A maravilhosa mensagem do evangelho consiste precisamente em sabermos que nos foi providenciado um tal Salvador. O apóstolo Paulo declara que Jesus o Filho de Deus, vendo e compreendendo a desesperada condição dos pecadores, se ofereceu a Si próprio a Deus Pai, comprometendo-se a morrer em lugar do pecador (Heb. 9:14). Quão maravilhosa foi esta oferta! Todo o céu se assombrou perante ela. O eterno Deus aceitou esta espantosa oferta e partilhou o sacrifício proposto, pois é-nos dito que «Deus amou o mundo de tal maneira, que deu o Seu Filho Unigénito para que todo aquele que n'Ele crê não pereça mas tenha a vida eterna» (João 3:19). Que admirável dádiva e que maravilhoso amor nos é revelado!

Séculos antes de Deus mandar o Seu Filho ao mundo para morrer por nós, falou a Abraão, ao qual, depois de anos de oração e espera foi dado um filho. Toda a afeição de Abraão se centralizou no seu filho Isaac, e para ele, acalentava grandes esperanças e delineava emocionantes planos. Então, uma noite, quando Isaac era já um jovem, veio a ordem de Deus a Abraão: «Sobe a uma montanha que te mostrarei e sacrificá-Me ali o teu único filho, Isaac, a quem amas». Com o coração partido e pesado, iniciou a jornada levando consigo Isaac e a lenha e o fogo para o sacrifício.

Finalmente chegaram ao cume do monte, e ali Abraão edificou um altar e pôs em ordem a lenha. Depois, em resposta á pergunta de Isaac, levantou a sua mão trémula e estava quase a mergulhar o cutelo no coração do seu filho, quando ouviu a voz de Deus por detrás das nuvens: «Abraão, Abraão, não faças isso. Não faças isso!».

Jovens, Deus não pôde suportar por mais tempo a terrível agonia de Abraão e então libertou-o de ter de fazer aquele sacrifício. Mas quando este mesmo eterno, amoroso e misericordioso Deus, nos viu, a vós e a mim, afundados no

pecado, desamparados, numa condição desesperada, amou-nos tanto que de Sua própria vontade percorreu todo o caminho. «Deus amou-nos tanto... que deu o Seu Filho Unigénito».

Tanto que foi assim, que chegando a plenitude dos tempos, Deus mandou o Seu Filho ao mundo para buscar e salvar os pecadores perdidos. Tendo vindo ao mundo, Jesus viveu esta vida como vós e eu a devíamos viver. Ainda que tentado em tudo como vós e eu somos tentados, não pecou. Em tudo venceu e viveu uma vida de perfeita obediência, de pureza e de absoluta devoção. Fez tudo isto não apenas para nos deixar o exemplo, mas também para que a Sua pureza e vida perfeita — vivida no meio das mesmas provações e tentações que vós e eu enfrentamos — pudessem ser creditadas a nosso favor pela nossa aceitação d'Ele e pela fé.

Que incomparável amor! Ele morreu por vós e por mim e por todos os pecadores de todos os tempos, e na Sua morte pagou o castigo de todo o pecado e transgressão humana. Escutai as maravilhosas e significantes palavras do apóstolo Paulo: «Aquele que não conheceu pecado, O fez pecado por nós; para que n'Ele fôssemos feitos justiça de Deus» (II Cor. 5:21).

Que maravilhosa troca esta! Jesus tomou o vosso e o meu lugar. Foi considerado culpado e condenado pelas nossas transgressões. Sofreu e morreu de morte horrível numa cruel cruz e assim pagou a pena pelos vossos pecados e pelos meus. Ele foi tratado como vós e eu merecíamos ser tratados, para que vós e eu pudsésemos ser tratados como Ele merecia ser tratado.

Jesus padeceu a morte, que é o salário ou castigo do pecado. A Sua morte. os seus sofrimentos sem paralelo, indicam tudo o que o castigo final do pecado envolve. Aqueles que recusam ou negligenciam aceitar a Jesus como seu Salvador pessoal, serão condenados finalmente à morte eterna. Tal é a razão pela qual as Escrituras tão clara e comoventemente apresentam a morte expiatória de Jesus pelos pecadores e os convidam a avaliar por si próprios a salvação que Ele lhes outorgou.

O apóstolo Paulo declara: «Mas Deus

prova o Seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores» (Rom. 5:8). Em I Cor. 15:3, ele anuncia: «Cristo morreu por nossos pecados». E em Heb. 2:6 reafirma: «Vemos, porém, coroado de glória e de honra aquele Jesus que fora feito um pouco menor do que os anjos, por causa da paixão da morte, para que pela graça de Deus, provasse a morte por todos».

A morte de Jesus leva-nos a uma responsabilidade muito pessoal — a responsabilidade de decidir qual deve ser a nossa própria atitude individual para com Ele. Que farei eu de Jesus? Não podemos furtar-nos a uma resposta. Quer queiramos, quer, não, temos de marcar posição em tal assunto e da nossa decisão depende o nosso destino eterno.

Jesus tornou isso claro durante o Seu ministério terrestre. Ele declarou: «Eu vim a este mundo para Juízo, a fim de que os que não vêem vejam, e os que vêem sejam cegos» (João 9:39).

Que queira Ele dizer com tal afirmação? Por certo não queria dizer que tinha vindo julgar os homens e as mulheres, pois em João 3:17 Ele declara: «Porque Deus enviou o Seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por Ele». Que queria então Ele dizer? É evidente que se referia ao juízo que os homens fariam d'Ele: à maneira como vós e eu julgamos a Jesus.

Quando Jesus se encontrou na presença do governador romano, aguardou a resposta à pergunta de Pilatos: «Que farei então de Jesus chamado Cristo?» Mas tão certamente como esperou a resposta de Pilatos, assim Ele hoje permanece diante vós e de mim esperando a nossa decisão em relação à Sua Pessoa. E tal decisão, tal juízo, nós temos de a fazer. Não podemos evitá-la e quanto depende dela! Determina o nosso destino eterno.

Que fareis vós de Jesus? As Escrituras mostram-nos claramente que é pela fé que aceitamos e nos apropriamos de tudo quanto Jesus, como nosso Redentor e Salvador, fez por nós. «Para que todo aquele que n'Ele crê não pereça». É a afirmação de João 3:16.

Mas que significa crer n'Ele ou ter fé n'Ele? Crença ou fé define-se em parte como confiança. Certamente que precisamos ter confiança em Cristo, mas ter fé n'Ele é muito mais do que isso. É muito mais do que uma atitude mental ou uma mera aceitação de certos factos históricos sobre Jesus. A fé em Cristo é aceitar individualmente para nós próprios tudo quanto Cristo é, tudo quanto Ele fez, está fazendo e ainda fará por nós no futuro.

O apóstolo João define fé ou crença. Ele afirma que o mandamento de Deus é, que devemos acreditar no nome de Nosso Senhor Jesus Cristo e que aquele que guarda este mandamento «n'Ele está e Ele nele» (I João 2:23 e 24). Claramente, pois, fé em Cristo implica entregarmo-nos a Ele, abrindo-Lhe internamente o coração e gozando uma união viva e vital com Ele.

Em suma, a fé em Cristo implica arrependimento e renúncia do pecado, confissão e perdão e união perfeita com Ele. Tal fé leva ao perdão das nossas culpas, à purificação de todo o pecado, à justificação, regeneração e salvação. À luz do que Cristo tem feito por cada um de nós pessoalmente, desejo fazer-vos uma pergunta: Qual é a vossa relação e atitude para com Ele? Já O aceitastes? Amais a Cristo sobre todas as coisas? Já Lhe entregastes toda a vossa vida?

Perguntaram um dia a Noé Webster, famoso erudito nas Escrituras: «Senhor Webster, qual foi o maior e mais importante pensamento que lhe ocorreu em toda a sua vida? «Webster hesitou por momentos e depois respondeu: «O maior pensamento que eu jamais tive foi a consciência da minha responsabilidade pessoal e individual, em relação a Cristo».

Webster tinha razão, pois não há pergunta mais importante e que exija uma resposta de cada um de nós, do que a nossa relação pessoal com Cristo. Àqueles de entre vós que ainda não responderam plenamente a esta pergunta por uma total e completa aceitação de Cristo e uma entrega sem reservas a Ele, eu desejo dizer: Agora é o momento de O aceitardes ou rejeitardes; de O confessardes ou negardes; de Lhe abri-

Domingo, 17 de Março

## Dando a Cristo o Seu verdadeiro lugar

No sexto capítulo do Evangelho de Lucas, encontra-se descrita uma ocasião em que uma grande multidão de povo de toda a Judeia e Jerusalém e da costa marítima de Tiro e Sidon se reuniram a Jesus. Este povo tinha ficado profundamente entusiasmado com a Sua pregação e muito tocado com os milagres que O tinham visto fazer. Procurando ficar bem perto d'Ele, aclamaram-n'O como seu Senhor e Mestre. Muitos professaram ser Seus seguidores, aclamaram-n'O como seu soberano e deram-Lhe provas da sua afeição, lealdade e devotamento. Mas Jesus não se deixou enganar pela veemência dos seus protestos de fidelidade. Lendo nos corações, discerniu neles promessas superficiais pronunciadas apenas com os lábios. Foi então que lhes dirigiu a pergunta: «Porque me chamais, Senhor, Senhor, e não fazeis o que Eu digo?» (Luc. 6:46). Essas pessoas, apesar, das suas palavras, não O reconheciam como seu verdadeiro Mestre.

Que inconstância e hipocrisia! direis vós. Certo, mas o facto desse repto ter sido registado nas Sagradas Escrituras, claramente indica que esta pergunta é dirigida a outros além dos Judeus que se juntaram em volta de Jesus nesse dia, há já tantos anos. É dirigida a vós e a mim hoje. Todos nós falamos de Cristo como Senhor e Mestre, como Supremo Legislador e Soberano, mas como os Judeus do passado, não Lhe damos o verdadeiro lugar nos nossos corações e nas nossas vidas.

Perto do fim do Seu Sermão da Montanha, Jesus insistiu muito no tema de permitir que Ele seja o Senhor e Soberano das nossas vidas. «Nem todo o que Me diz, Senhor», disse, «en-

trará no Reino dos céus; mas aquele que faz a vontade de Meu Pai que está nos céus» (Mat. 7:21). Não chega uma mera profissão de fé; ter os nossos nomes no registo da igreja não basta. Não se requer mera profissão, mas perfeita conformidade com a vontade de Deus e obediência a cada dever e responsabilidade que conhecemos.

Falando ainda acerca do Seu poder como Senhor, Jesus referiu-se ao dia do Juízo final e disse: «Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizámos nós em Teu nome? e em Teu nome não expulsámos demónios? e em Teu nome não fizemos muitas maravilhas? E então lhes direi abertamente: nunca vos conheci; apartai-vos de Mim, vós que praticais a iniquidade» (Mat. 7:22, 23).

Que sábias palavras estas! No dia final da história deste mundo, quando todos, homens e mulheres de todas as eras, estiverem diante do Juízo de todo o Universo, haverá pessoas que dirão: «Senhor, pregámos grandes sermões em Teu nome, ocupámos altas posições e lugares de responsabilidade em Teu nome, expulsámos demónios e fizemos muitos outros trabalhos maravilhosos em Teu nome. Até Te chamamos Senhor, Senhor! Em que falhámos então?» A resposta de Jesus será: «Nunca vos conheci; apartai-vos de Mim, vós que praticais a iniquidade.» Em que falharam e desapontaram o Mestre essas pessoas? A resposta de Jesus a esta pergunta é bem clara: a sua profissão de fé não era demonstrada por uma vida de obediência à vontade revelada de Deus.

No seu sermão do dia de Pentecostes, o

---

des o vosso coração ou de o endurecerdes ainda mais; de Lhe entregardes a vossa vida ou de O afastardes completamente dela.

Esta pode ser a vossa última oportunidade de tomar uma decisão por Cristo. Se O aceitardes sereis Seus filhos; podereis ganhar tudo quanto é realmente precioso. Se O rejeitardes deixareis de ter esperança. Falando de Si próprio, Jesus disse: «Quem crê n'Ele não é condenado: mas quem não crê já está condenado; porquanto não crê no nome do Unigénito Filho de Deus» (João 3:18).

Há alguns anos atrás, num certo lago, um barco voltou-se e entre outros, um rapaz e a sua mãe caíram à água. O rapaz era um bom nadador. O seu primeiro pensamento foi para sua mãe

e fez tudo quanto pôde para a salvar, mas ela na sua aflição quase que o arrastou para o fundo juntamente com ela. Finalmente, completamente exausto, viu-se obrigado a afastar-se e a deixá-la entregue à sua sorte. No funeral, enquanto olhava para a face pálida de sua mãe, chorando, murmurou: «Mãe, eu quis salvar-te, fiz tudo quanto podia para te salvar, mas tu não me deixaste!»

Caros jovens, será que um dia Jesus terá de dizer o mesmo de vós? Ele fez tudo quanto pôde para vos salvar. Ele ainda hoje continua dando tudo por vós. Entregai-vos a Ele e deixai que Ele vos salve hoje. Eis aqui agora o tempo aceitável» (II Cor. 6:2). «Quem quiser tome da graça da água da vida» (Apoc. 22:17). Que fareis então de Jesus?

apóstolo Pedro fez uma declaração que se relaciona directamente com o assunto que estamos considerando. Isso está relatado em Actos 2:36. Ao terminar o seu importante discurso no qual mostrou que a pessoa que os Judeus tinham crucificado era o Filho de Deus, declarou o seguinte: «Saiba pois com certeza, toda a casa de Israel, que a esse Jesus a quem vós crucificastes, Deus O fez Senhor e Cristo. Reparai nestas últimas palavras Senhor e Cristo. O nome Cristo significa «o Ungido». O nome Jesus significa «Salvador». Assim o nome Jesus Cristo significa «Ungido Salvador». Sim, Jesus, o Filho de Deus, foi ungido pelo Espírito Santo e com poder para ser o nosso Salvador do pecado e das suas consequências. Que maravilhosa coisa é, sabermos que n'Ele temos um Salvador, um Redentor! Quando somos convencidos do pecado, sentimos a nossa culpa e reconhecemos que merecíamos a condenação. Quão reconfortante é saber que, porque Ele morreu pelos nossos pecados podemos confessá-los e reclamar o Seu perdão e purificação.

O texto, contudo, diz que Jesus foi feito não só nosso Salvador, mas também nosso Senhor, nosso Proprietário, nosso Legislador, nosso Soberano, nosso Rei. Assim como Ele foi designado para ser o Salvador das nossas vidas, assim também foi feito Rei e Senhor das mesmas, e, como Senhor, é Seu desejo e propósito entronizar-Se a Si próprio nos nossos corações. A pergunta que hoje nos preocupa é: já permitimos, vós e eu, que Ele fizesse isso?

O problema triste e trágico de tantos professores cristãos é que eles estão felizes por conhecerem a Jesus como seu Salvador, mas não estão preparados para O receber como seu Senhor e Mestre. Como os Judeus do passado, chamam-Lhe Senhor, Senhor, mas não fazem as coisas que Ele requer deles. Entronizar-Se a Si mesmo nos nossos corações e vidas é o Seu grande desejo e o Seu supremo propósito.

A apóstolo Paulo nos seus escritos insiste no facto de que Cristo estabelece a Sua morada no coração dos homens e reina ali através do Espírito Santo, pois o Espírito Santo é o Seu representante espiritual. Paulo põe a seguinte pergunta: «Ou não sabeis que o nosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos?» Em seguida responde à pergunta: «Porque fostes comprados por bom preço, glorificai pois a Deus no vosso corpo e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus» (I Cor. 6:19, 20).

Reparai antes de tudo nestas palavras: «Não sois de vós mesmos.» Pela transgressão e pecado, o homem vendeu-se ao grande inimigo de Deus e da verdade e tornou-se possessão de Satanás, o grande enganador e destruidor. O profeta Isaías fala desta infeliz e trágica transacção quando diz: «Por nada fostes vendidos; também sem dinheiro sereis resgatados» (Isa. 52:3). Jesus comprou-nos, a vós, a mim e ao resto da família humana — de volta para Deus. E que preço Ele pagou por vós e por mim! «Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes res-

gatados da vossa vã maneira de viver... mas com o precioso sangue de Cristo» (I Pedro 1: 18, 19). Uma vez que Jesus pagou o preço por nós, já não somos de nós mesmos. Quer estejamos ou não preparados para reconhecer isso, realmente pertencemos a Jesus.

Para ilustrar este ponto importante vamos supor que um dia eu me encontro em certa grande cidade. No meu bolso tenho uma considerável soma de dinheiro que desejo investir na compra de uma jóia preciosa. Entro, portanto, numa joalheria e peço que me mostrem as pedras preciosas que tenham para vender. O joalheiro expõe a sua mercadoria e por fim eu escolho uma jóia de surpreendente beleza e pergunto o seu preço. Imaginemos que o preço é de 40 contos. Tiro do meu bolso esta quantia e entrego-a ao joalheiro. Logo, mal ele receba o dinheiro, a jóia escolhida é minha porque paguei o seu preço. Mas então explico que vou estar naquela cidade por alguns dias e temendo perder esta pedra preciosa, peço-lhe que ma guarde no seu cofre até que volte e lha peça. O joalheiro concorda com isto.

Depois de vários dias, volto á loja deste joalheiro. Procuo o dono e peço-lhe a minha jóia, mas ele responde que não tem nenhuma jóia minha. Relembro-lhe então a minha visita de alguns dias antes. «Oh, sim!» diz ele, «lembro-me muita bem do senhor, mas aquela jóia que pagou está em meu poder e não lha darei!» Discuto com ele durante algum tempo acerca da minha pedra preciosa, mas de nada serve. Ele recusa categoricamente d'volvê-la.

Meus amigos, que pensaríeis de um homem que se comportasse desta maneira? Diríeis que ele era um vigarista e um ladrão e diríeis muito bem. Mas escutai, quando Jesus morreu no Calvário, morreu por vós e por mim. Pagou o preço de cada um de nós; comprou-nos para Si próprio e agora pede para nos entregarmos a Ele. Seremos justos, seremos honestos para com Ele se Lhe recusarmos ou negligenciarmos a nossa entrega total?

Hoje, vós e eu, podemos sentir-nos no Monte Calvário, sob a cruz carregando Aquele que foi batido e escarnecido. Podemos olhar para o Seu corpo ferido e ensanguentado, para os pregos que perfuraram os Seus pés e mãos, para o Seu peito trespassado pela cruel lança. Podemos ver a Sua vida apagando-se lentamente e ouvi-l'O dizer: «Meu filho, foi tudo por ti. Pelo Meu sofrimento e morte Eu remi-te. Comprei-te de novo; agora pertences-Me.»

Meu amigo, qual é a tua resposta a este apelo? Podes dizer como muitos infelizmente dizem: «Eu sei que Te pertença porque pagaste o preço por mim, mas eu quero seguir o caminho da minha própria escolha. Há coisas do mundo que eu quero fazer. Há prazeres que eu quero satisfazer, há amizades que não Te agradam mas que eu quero; e por isso não estou preparado para me entregar inteiramente a Ti. Sim, podeis negar ao Senhor a vossa entrega, mas tende a certeza de que um dia achareis os trágicos resultados de uma tal escolha. Por outro lado, reconhecendo a soberania de Cristo sobre vós, podeis entregar-vos a Ele e conhecer uma alegria e uma paz que eclipsam todos os prazeres e alegrias terrenas.

Querereis neste momento entregar-vos a Jesus?

Os nossos corpos, diz Paulo, são os templos do Espírito Santo. Jesus desceu do trono do Universo para que pudesse ascender ao trono dos nossos corações. Não força o Seu domínio sobre nós; Ele convida, supplica, implora. De uma maneira terna Ele diz a vós e a mim: «Meu filho, minha filha, dá-Me o teu coração.» A isto o apóstolo acrescenta o seu terno convite: «Rogo-vos pois irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrificio vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional» (Romanos 12:1).

Um estrangeiro que visitava a velha catedral de Friburgo, na Alemanha, interessou-se especialmente pelo órgão que o velho sacristão muito orgulhosamente lhe mostrava. Pediu licença para tocar nele mas foi-lhe negado esse privilégio. Insistiu, mas o sacristão disse que o instrumento era tão delicado que não poderia autorizá-lo a tocar nele. Finalmente, depois de muito insistir, o visitante foi autorizado a sentar-se ao órgão. O velho sacristão ficou deslumbrado com o que ouviu então. Nunca no passado, uma tal música brotava do seu órgão favorito. «Quem sois vós?» perguntou, quando o visitante estava para partir. «Sou Felix Mendelssohn» retorquiu o estrangeiro. Depois disso, quando o sacristão exhibia o órgão sempre dizia: «Se tivessem ouvido o grande Mendelssohn tocar! E pensar que quase o proibi de o fazer!» Amigos, Alguém, maior do que Mendelssohn, está aqui hoje, pedindo uma oportunidade para tocar nas cordas do vosso coração. Ele almeja tirar delas a música doce, forte, cheia e harmoniosa da vida vitoriosa. Deixareis que Ele faça isso? Ele, o Criador e Rei dos céus e da terra, pede uma oportunidade para tornar a vossa vida doce, pura e bela. Não Lhe neguemos este prazer e satisfação. Após vários anos de um ministério cheio de frutos, o apóstolo Paulo foi encarcerado numa prisão em Roma. Pesadas cadeias lhe pendiam das mãos e dos pés. O seu futuro era incerto, pois em qualquer momento o carrasco podia chegar e levá-lo para o martírio. Foi nesse momento que ele chamou o seu escriba a quem ditou a Epístola aos Filipenses. Notai as seguintes palavras dessa mensagem inspirada: «Porque sei que disto me resultará a salvação, pela vossa oração e pelo socorro do Espírito de Jesus Cristo. Segundo a minha intensa expectação e esperança de que em nada serei confundido, antes, com toda a confiança Cristo será, tanto agora como sempre, engrandecido no meu corpo, seja pela vida, seja pela morte. Porque para mim o viver é Cristo, e o morrer é ganho» (Fil. 1:19-21).

Os anos já se tornavam pesados ao apóstolo e o seu longo e árduo serviço tinham-no fisicamente fatigado. Para ele, por consequência, era assunto de pouca importância viver ou morrer. Confiava em que o que quer que fosse que lhe sucedesse, Cristo seria glorificado, foi relacionado com isso que Paulo fez uma declaração que será o sumário de toda a sua vida de cristão: «Para mim, o viver é Cristo».

Nunca foi dado um testemunho tão grande como este. Desde o momento da sua conver-

são, Paulo viveu unicamente para Cristo, sua glória e seu prazer. Mas o testemunho do apóstolo deveria ser e pode ser o vosso e o meu, hoje. É propósito de Deus que assim seja e Cristo deseja-o também. Deixai-me pois perguntar a cada um individualmente: «Podereis vós dizer, analisando a vossa vida, como o apóstolo: «Para mim o viver é Cristo»? Pergunto-me a mim próprio se muitos não diriam antes, falando com sinceridade: «Para mim, o viver é prazer», ou «para mim o viver é a satisfação própria», ou «para mim o viver é ambicionar coisas», ou ainda «para mim o viver é seguir o caminho que eu quiser.» Oh, meus amigos! Deus deseja que vós e eu possamos estar aptos a dizer ou a escrever: «Para mim o viver é Cristo». Sim, precisamos de Lhe dar o lugar certo em cada pormenor das nossas vidas e então Ele poderá fazer delas tudo quanto deseja que elas sejam.

O engenheiro que fez os planos da Ponte de Brooklyn, adoeceu quando a ponte estava a ser construída e durante longos meses não pôde sair do quarto. Mas o seu assistente continuou o trabalho. Na sua cama de enfermo, as suas hábeis mãos traçavam os planos que a mulher depois levava aos técnicos.

Por fim, a ponte ficou pronta. Da sua marca ele pôde ver a magnificante estrutura. Os seus olhos bem treinados perscrutaram atentamente o imenso ancoradouro, os pilares maciços, os fortes cabos. Deteve-se nos mínimos detalhes. Estava de pé o seu sonho! Os seus planos e determinações tinham sido cumpridos perfeitamente. Como vibrou de emoção! E, no transporte de sua alegria gritou: «É tal qual o plano! É tal qual o plano!»

Oh, que o Mestre ao olhar hoje para a vossa vida e para a minha possa também dizer: «É tal qual o plano!» E isso só podera acontecer se estivermos dispostos a dar a Jesus o Seu verdadeiro lugar nas nossas vidas.

## DEUS

Em vão busquei na terra, onde vivia,  
A perfeição suprema da beleza;  
Mas encontrei só forma e só rudeza,  
A sombra vã de tudo o que sentia.

Depois ergui meus olhos, na alegria  
De encontrar a Verdade, e, com surpresa,  
Do mundo na vastíssima grandeza,  
Apenas vi mentira e hipocrisia.

Busquei depois o Amor mais a Bondade!  
Mas só achei a Dor e, sem Piedade,  
Só vi o Mal erguido contra os céus.

Então descri dos homens e da vida,  
E na paz da minh'alma dolorida  
Eu descansei, enfim, junto de Deus.

Armando Côrtes-Rodrigues

Segunda-feira, 18 de Março

## Reflectindo a glória de Cristo

Séculos atrás, sob a inspiração do Espírito Santo, o apóstolo Paulo escreveu a seguinte vibrante e comovente declaração: «Mas todos nós, com a cara descoberta, reflectindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor» (II Cor. 3:18).

Uma das mais notáveis palavras deste versículo é «glória». É uma grande palavra. A sua menção desperta na mente quadros de esplendor, grandeza e magnificência. É usada muitas vezes através da Bíblia — cerca de 200 vezes no Velho Testamento e 150 no Novo Testamento. Como cristãos, pensamos muito na glória futura, mas este texto fala de uma glória presente.

Há, na realidade, glórias futuras; glórias que aguardam o povo de Deus, nas quais podemos pensar e para as quais nos podemos preparar. Relembremos algumas delas antes de pensarmos na glória que Deus designou que possuíssimos e gozássimos aqui na Terra.

Em primeiro lugar haverá a glória da Nova Terra. Quando Deus originalmente criou o nosso mundo, ele era perfeito e belo. Quando o homem pecou, Deus, na Sua sabedoria amaldiçoou-o, pois seria incoerente que um homem imperfeito e pecador vivesse num mundo perfeito. Apesar dessa maldição há ainda muitas coisas e lugares que são belos. Dessa maneira Deus procura levar-nos a apreciar em certa medida o que será a terra quando for restaurada e a fazer nascer nos nossos corações um grande desejo de a possuímos.

A terra no presente, dizem as Escrituras, geme para ser liberta da maldição (Rom. 8:22, 23). Por causa do pecado e da desobediência do homem ela está decaindo cada vez mais. Há prejuízos nas colheitas, grandes assolões, vastas zonas desérticas, secas, inundações e pestes destruindo o labor das mãos humanas. Mas as Escrituras revelam que a Terra em breve será restaurada e que a glória de Deus se verá de novo sobre ela (Is. 35:1).

Então resplandecerá também a glória da Criação animal. Desde a entrada do pecado no mundo que os animais que tinham sido designados para realçar a beleza desta Terra e sobre os quais o homem devia ter domínio, se tornaram os seus inimigos naturais e os inimigos uns dos outros. A história do mundo desde a entrada do pecado, tem sido a história da luta do homem contra o homem e contra as criaturas, grandes ou pequenas, do mundo animal. O plano e propósito de Deus é restaurar a criação animal ao que ela era originalmente. Falando do tempo em que Deus fará isso, o profeta Isaías diz: «E morará a lobo com o cordeiro, e o leopardo com o cabrito se deitará, e o bezerro, e o filho do leão e a nédua ovelha viverão juntos e um menino pequeno os guiará» (Is. 11:6).

Sobretudo, haverá a glória de Cristo. Quando o Filho do homem vier como Rei dos reis e Senhor dos senhores, como Ele em breve fará, virá com poder e grande glória (Mat. 25:31). Ele virá com uma triplice glória: a Sua própria glória, a do Pai e a dos anjos (Luc. 6:29). Outrora Jesus veio a este mundo em humilhação, mas voltará em glória. Foi suspenso da cruz, acusado falsamente de ser um malfeitor, mas voltará em breve e todo o joelho se dobrará diante d'Ele (Fil. 2:10).

Finalmente haverá a glória dos remidos. O apóstolo Pedro fala de nós dizendo: «E o Deus de toda a graça, em Cristo Jesus vos chama à eterna glória» (I Pedro 5:10). Sim, seremos como Ele — perfeito em vida e em carácter. «Seremos semelhantes a Ele, porque assim como é O veremos», declara o apóstolo João (I João 3:2).

Uma idosa senhora escocesa, foi um dia interrogada por uma céptica e criticista amiga: «Quando fores para o céu conhecerás o teu Senhor?» Ela respondeu: «Não é isso que me preocupa, o que me custa é pensar que não me reconhecerei a mim própria.»

Sim, tão grande será a transformação que os remidos experimentarão, que se tornarão completamente novos. Isso será realmente glória.

O texto do nosso estudo, contudo, fala de uma glória que podemos ter desde já. Precisamos de revelar, irradiar e reflectir a glória de Cristo e devemos fazê-lo agora. Nessa memorável oração que Jesus fez imediatamente antes da Sua crucificação Ele disse: «E Eu dei-lhes a glória que a Mim Me deste» (João 17:22). A glória que Deus, Pai Eterno, deu a Cristo, Seu Filho, foi a glória de uma vida pura, sem mancha, perfeita, radiosa, triunfante e de um carácter sem defeito. Quando Jesus veio a esta Terra, voluntariamente pôs de parte, durante o tempo que aqui esteve, os atributos da divindade e colocou-se a si próprio inteiramente na dependência de Deus, o Pai, a pontos de poder dizer: «Eu não posso de Mim mesmo fazer coisa alguma» (João 5:30). Recebeu do Seu Pai o poder e a graça que Lhe permitiam viver a Sua vida de glória e hoje anseia pôr o mesmo poder à vossa e à minha disposição. Ele diz: «Eu dei-lhes a glória que a Mim me deste».

Ele tem o poder e a autoridade para o fazer, pois todo o poder Lhe é dado nos ceus e na terra (Mat. 28:18). É nosso privilégio e dever permitir que Ele derrame tal poder sobre nós a fim de que possamos revelar a Sua glória ao nosso próximo. Através do profeta Isaías, Deus, falando do homem, diz: «Criei-o para minha glória» (Is. 43:7). Para convencer o mundo de que Deus derramou a Sua glória sobre nós através de Cristo, não temos de pregar grandes sermões ou proclamar às esquinas das ruas que somos felizes em Cristo e que

Ele nos dá a vitória sobre o pecado. Se bem que Ele possa chamar algum de nós para dar um tal testemunho, o facto é que o mundo deverá ver a glória de Cristo nas nossas vidas.

Como podemos possuir tal glória? Esta é a pergunta importante que temos de enfrentar. O texto que estamos a estudar, nomeadamente II aos Coríntios 3:18, diz: «Mas todos nós, com cara descoberta, reflectindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor». A glória de Cristo, o Senhor, diz o texto, é reflectida por aquele que é filho de Deus. A glória de Cristo, segundo tornam claro as Escrituras, é o carácter de Cristo. Uma vez que temos que reflectir como um espelho a glória de Cristo, é evidente que em nós deve ser visto o Seu carácter. O carácter de Jesus deve reflectir-se em nós.

Para que um espelho possa reflectir um objecto, certas coisas são necessárias e importantes. O mesmo se passa connosco. Se Jesus e o Seu carácter se devem reflectir em nós, há certos assuntos aos quais devemos prestar atenção. Portanto desejo lembrar-vos as seguintes verdades evidentes em si mesmas:

1. *O espelho deve estar limpo.* A menos que a superfície de um espelho esteja limpa, não pode reflectir convenientemente o objecto. Se estiver suja, com pó ou lama, reflectirá o objecto apenas parcialmente. Um reflexo claro requer um espelho limpo e claro. O mesmo se passa connosco. Só se as nossas vidas estiverem limpas é que poderemos reflectir a vida e o carácter de Cristo. E podem estar limpas. Não interessa o que tenha sido o nosso passado, pois por mais cheio de pecado que tenha sido, a Palavra de Deus assegura: «Se confessamos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça» (João 1:9). Não somente Ele nos perdoa e purifica, como também segundo nos ensina o versículo 7 do mesmo capítulo, «O sangue de Jesus Cristo Seu Filho, nos purifica de todo o pecado». Reparaí nesta palavra «purifica»: denota uma acção contínua. Deus não só nos perdoa os pecados e nos limpa das culpas passadas, como também está preparado e ansioso para nos manter limpos.

Um pintor francês causou um dia sensação em Paris. Adaptou uma típica a estúdio e começou a andar pelas ruas da cidade parando aqui e ali para fazer esboços dos lugares e coisas que via. As pessoas via-n-no apenas através de uma pequena janela pintando recantos, esquinas, cenas da vida parisiense. Desta maneira ele apanhava todas as espécies de cenas e incidentes dos escondidos caminhos da cidade. Depois transferiu os Seus croquis para a tela e pintou Cristo em toda a parte, no meio deles. Quando o público de Paris viu o seu trabalho ficou estupefacto porque se viu a si mesmo na vida diária, em toda a sua loucura e frivolidade, e Cristo estava sempre no meio dele. Na tela viram, as suas próprias vidas como as estavam vivendo e observaram que constantemente Cristo aí estava também. Suponhamos que um artista como este visitava hoje a vossa cidade e fotografava todos os aconteci-

mentos e actividades da vossa vida no lar, na igreja, na escola, enfim, da vossa vida social. Que espécie de fotografias apareceriam então? Oh!, que Ele vos pudesse ver limpos e puros e rectos, reflectindo perfeitamente a glória de Cristo!

2. *O espelho deve ser conservado limpo.* Para que um espelho continue claramente a reflectir um objecto deve-se conservar limpo. Desde que haja sujidade ou pó nele o reflexo será imperfeito, enevoado ou manchado. O mesmo se passa connosco. Só se procurarmos que Deus nos limpe e nos conserve limpos do pecado e da corrupção, poderemos reflectir a imagem e a glória de Cristo perfeitamente. Quão reconfortante e animador é saber que Deus é capaz e quer conservar-nos firmes e guardar-nos de pecar e de cometer qualquer erro. Ouçamos as animadoras palavras do apóstolo Judas: «Ora, Àquele que é poderoso para vos guardar de tropeçar e apresentar-vos irrepreensíveis, com alegria, perante a Sua glória... seja glória e majestade, domínio e poder» (Judas 24 e 25).

Conta-se a história de um rapaz que era tambor, servindo debaixo das ordens de Napoleão numa das suas campanhas. O grande comandante aproximou-se do rapaz numa hora em que a batalha do dia parecia perdida. «Rapaz, toca à retirada» ordenou. Mas o rapazito ousou responder: «Majestade, eu não sei, o meu professor nunca me ensinou esse toque mas eu sei tocar ao ataque de tal maneira que até os mortos se levantarão. Toquei-o em Lodi. Toquei-o nas Pirâmides. Deixai-mo tocar de novo!» E sem esperar a resposta tocando o seu tambor sobre moribundos e mortos, sobre tudo e sobre todos, conduziu o exercício à vitória.

Que também nós hoje, não possamos saber o que é uma retirada. Ouçamos a voz de Deus que nos chama mais clara e insistentemente do que nunca e confiemos que Ele é capaz de nos guiar a uma constante vitória e ao êxito no viver cristão.

3. *O espelho precisa estar diante de nós.* A única maneira pela qual um espelho pode reflectir a nossa imagem é estando diante de nós. E se o espelho nos deve reflectir sempre, precisamos estar sempre diante dele. O mesmo se passa com Cristo e connosco. Se O queremos reflectir precisamos de estar constantemente voltados para Ele e assim reflecti-remos constantemente e ao Seu carácter e glória. Este é o segredo do êxito e da vitória na vida cristã. É quando afastamos os olhos de Cristo que surgem os problemas e as dificuldades e sofremos a derrota.

Lembrai-vos da ocasião em que Jesus mandou os discípulos num barco enquanto Ele ia ao monte orar. A noite desceu sobre os discípulos e desencadeou-se uma grande tempestade que ameaçava o barco e todos os seus passageiros. De súbito os discípulos viram Jesus aproximar-se deles caminhando sobre as encapeladas ondas do mar. Encheram-se de terror, pois cuidavam estar vendo um espírito. Jesus animou-os, tranquilizou-os revelando a Sua identidade. Disse então Pedro: «Senhor, se és Tu, manda-me ir ter contigo por cima das á-

# A VIDA VITORIOSA

Uma das coisas mais maravilhosas da vida cristã é o excitante desafio que ela faz aos homens e mulheres. O cristão não é uma pessoa vulgar. Não se move no nível das pessoas vulgares vivendo uma vida mediana, comum, e exibindo um carácter corriqueiro. Um cristão é aquele que tendo respondido ao chamado de Cristo, vive num plano alto e elevado, que possui nobres virtudes e que mostra ter um carácter forte, recto e nobre. Distingue-se de todos os seus companheiros pela sua maneira de ser em todas as coisas — santificado, justo e virtuoso.

Séculos atrás Jesus desafiou os homens e mulheres que professam servi-l'O com as palavras: «Sede perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos Céus» (Mat. 5:48). As palavras «como é», colocam a perfeição que Cristo pede aos homens e mulheres, no mesmo nível da perfeição de Deus. Trata-se por certo,

---

guas.» Jesus respondeu: «Vem», e Pedro saltando do barco começou a aproximar-se do seu Mestre. Subitamente uma grande onda ameaçou engoli-lo. Começou a afundar-se e gritou: «Senhor, salva-me». Jesus estendeu-lhe a mão e salvou-o. Reparai na Sua repreensão: «Homem de pouca fé, porque duvidaste?» (Mat. 14:31).

A palavra «duvidar» que Cristo usou ao repreender Pedro, vem de uma palavra original grega que significa «olhar para dois caminhos ao mesmo tempo». A aflição de Pedro teve origem no facto de, em vez de conservar os seus olhos postos directamente em Cristo, ter o olhar para a grande onda. Foi então que começou a afundar-se. Precisamos ter constantemente os nossos olhos postos em Cristo. Se o fizermos não só poderemos viver triunfantemente, mas permitir-lhe-emos que reflecta a Sua glória em nós.

4. *O espelho reflecte.* O nosso texto sugere que a glória de Cristo é não só reflectida, como também irradiada. A analogia com o espelho não é perfeita aqui, pois um cristão não só reflecte a luz, como também a absorve. O Espírito de Deus no coração enche-o de luz e de glória que são depois irradiadas.

Conta-se a história de um homem que enquanto esteve em França comprou um estojo contendo uma pedra preciosa. Dizia-se que no escuro ela dava uma luz maravilhosa. Nela estavam escritas em francês as seguintes palavras: «Ponham-me à luz durante todo o dia e eu brilharei no escuro durante toda a noite.» E na realidade o seu comprador viu que era assim.

Se vós e eu vivermos na presença de Cristo tendo rendido a Ele o nosso coração e vontade, o Seu espírito encher-nos-á com a Sua glória e brilharemos para Ele neste mundo de escuridão e trevas.

de um alto ideal. Será possível a vós e a mim alcançá-lo?

Algumas pessoas pretendem que a Bíblia apresenta aos homens e mulheres ideais que nunca se poderão alcançar nesta vida. Pretendem que tais desígnios e objectivos estão descritos meramente como algo por que os seres humanos devem lutar. Mas será isto verdade? Terá Deus estabelecido ideais que apenas nos iludem enquanto dispendemos os nossos esforços e gastamos as nossas energias num esforço vão para os atingirmos? Certamente que não, pois Deus não zomba de nós. Todas as Suas ordens podem ser executadas pois contêm em si mesmas a Sua divina graça e poder para poderem ser cumpridas.

Pedro sustenta a mesma afirmação que Jesus: «Mas como é santo Aquele que vos chamou, sede vós também santos em toda a vossa maneira de viver» (I Pedro 1:15). Temos de ser tão santos na nossa maneira de viver como o foi Cristo. O apóstolo Paulo reforça o mesmo pensamento. Com efeito ele vai ainda mais longe quando diz: «Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor» (Heb. 12:14). Perfeição, rectidão, santidade — eis o ideal que Deus propõe para as nossas vidas. Será tal vida possível?

As escrituras afirmam claramente que a vida vitoriosa é possível a todos os filhos de Deus. Ao falar nas várias partes de que se compõe a armadura do cristão, Paulo admoesta-nos: «Tomando sobretudo o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno» (Efes. 6:16). Com o escudo da fé temos de apagar não só alguns, mas todos os dardos inflamados do grande adversário. Vitória constante — vitória sobre todas as nossas tentações, provas, fraquezas e lutas é-nos assegurada. À luz disto, o apóstolo exclama exultante: «Mas graças a Deus que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo! (I Cor. 15:57). Sim, vitória, constante vitória é-nos assegurada. E ainda mais, não a alcançaremos por nós próprios; recebemo-la. É nossa por dádiva.

Estudemos um pouco mais profundamente este grande assunto da vida vitoriosa. Voltando à declaração de Cristo relatada em Mat. 5:48, notamos que a terceira palavra do versículo é 'pois', o que denota a afirmação deste versículo é a conclusão de algo já referido previamente. Nos versículos anteriores Cristo faz o contraste entre o amor de Deus e dos homens. Mostra que enquanto o amor humano é acanhado e limitado, o amor de Deus é amplo, perfeito, completo e total. É este divino amor que devemos ter nos nossos corações. Cristo tornou isso claro ao afirmar: «Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis (João 13:34). Precisamos de possuir em nosso coração um amor de tal ma-

neira perfeito que amemos como Ele amou. É só quando tivermos um tal amor nos nossos corações que poderemos obedecer a Deus e guardar a Sua lei, pois as Escrituras dizem que «o cumprimento da lei é o amor» (Rom. 13:10).

O amor humano é limitado e imperfeito. Isto é verdade mesmo tratando-se do maior amor que um ser humano por si só possa acautelar. Só o amor de Deus é perfeito. Nada o pode mudar ou diminuir; é sempre o mesmo, contudo é sempre novo. É esse amor perfeito, o amor que Deus derrama nos nossos corações, que nos fará amar como Deus ama (Rom. 5:5). Jesus salientou esse facto na oração que fez ao Pai precisamente antes da Sua morte: «Para que o amor com que Me tens amado, esteja neles, e Eu neles esteja». O amor perfeito só é possível quando Cristo habita no coração.

Esta verdade é ainda salientada pelos escritores inspirados: «Se nos amamos uns aos outros, Deus está em nós, e em nós é perfeito o Seu amor. Deus é amor e quem está em amor está em Deus e Deus nele» I João 4:12 e 16). O apóstolo Paulo declara que o plano de Deus é «que Cristo habite pela fé nos vossos corações, a fim de, estando arreigados e fundados em amor, poderdes perfeitamente compreender com todos os santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo» (Efés. 3:17-19).

Estas passagens e muitas outras que poderiam ser citadas, tornam claro que se Lhe permitirmos, Cristo habitará nos nossos corações e derramará o Seu amor nas nossas vidas, tornando-nos capazes de amar como Ele ama. Só se Lhe permitirmos fazer isso poderemos viver vitoriosamente. No maravilhoso capítulo de I aos Coríntios 13, o apóstolo Paulo descreve as qualidades sem preço do amor.

Algumas traduções usam a palavra 'Caridade', mas outras usam a palavra 'amor' em todo este capítulo. Em primeiro lugar o apóstolo fala da importância e valor do amor. Ainda que falemos «as línguas dos homens e dos anjos», se não tivermos amor, seremos «como o metal que soa ou como o sino que tine». Ainda que tivéssemos «o dom de profecia e conhecêssemos todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivéssemos toda a fé, de tal maneira que transportássemos os montes, e não tivéssemos amor, nada seríamos». «E ainda que distribuíssemos toda a nossa fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregássemos os nossos corpos para serem queimados, e não tivéssemos caridade, nada disso nos aproveitaria».

Nada do que possamos ser ou fazer, mesmo que nos custe muito, pode substituir o amor. Ter o amor de Jesus nos nossos corações é de suprema importância. Depois de declarar isso, o apóstolo enumera a lista de coisas que o amor fará nos nossos corações. Reparaí neste vibrante esquema:

1. *O amor é sofredor.* Uma das muitas fraquezas e imperfeições da natureza humana é a impaciência. Quantas vezes somos tentados a ficar impacientes — impacientes para com

as nossas responsabilidades e tarefas, impacientes para com as coisas e impacientes para com os outros. O amor limpará os nossos corações da impaciência, pois é sofredor.

2. *O amor é benigno.* Quão fácil é ser indelicado e crítico. Quantas vezes ferimos e desencorajamos outros, pela nossa tendência para descobrir faltas e criticar! Quantas vezes julgámos mal os nossos companheiros! Quantos há ao nosso redor, infelizes, deprimidos e desencorajados por falta de um pouco de bondade! O amor não deixa nenhum lugar no coração àquilo que possa ferir os outros, porque o amor é bondade.

3. *O amor não é invejoso.* Toda a inveja é banida pelo amor. A inveja em relação às pessoas mais afortunadas do que nós pelas vantagens de que desfrutam, fortuna ou talentos, é removida porque o amor não é invejoso.

4. *O amor não trata com leviandade.* A ostentação, a jactância e o egoísmo desaparecem da vida dominada pelo amor.

5. *O amor não se ensoberbece.* O orgulho, a arrogância, a presunção e a confiança própria não têm lugar no coração que o amor encheu. Quando há amor, esses horríveis defeitos desaparecem.

6. *O amor não se porta com indecência.* A loucura, a indecência, o comportamento indecoroso, tudo quanto é impróprio sai da vida na qual o amor ocupa o lugar predominante.

7. *O amor não busca os seus interesses.* Quando o amor enche o coração, o eu morre. O interesse próprio deixa de ser considerado. Em seu lugar há um activo interesse na felicidade e bem-estar dos outros e há também um completo esquecimento do eu.

8. *O amor não se irrita.* A irritabilidade, a ira e a cólera não podem existir onde o amor habita. Irar-se é impossível quando o amor enche e possui o coração.

9. *O amor não suspeita mal.* Deixará de haver vontade de pensar nos males reais ou imaginários que os outros nos tenham feito. A má intenção não se encontra na vida que é activada pelo amor. Quanta felicidade e alegria tantas pessoas perdem, por tomarem nota constantemente do que os outros lhes fazem ou dizem! O amor não é afectado pelos juízos errados e críticas dos outros. Apenas se preocupa em receber constantemente a aprovação do céu.

10. *O amor não folga com a injustiça.* O amor apenas se regozija no que é verdadeiro, justo, puro e santo. Ninguém pode, ao mesmo tempo, encontrar satisfação na iniquidade e na pureza. Se a iniquidade domina a vida, a pureza não pode entrar; mas se a pureza e a rectidão são escolhidas e se lhes permite reinar, então a iniquidade tem forçosamente de desaparecer. Quão importante é, pois, que permitamos que o amor governe os nossos corações, para que todas as más características possam ser banidas de nós!

11. *O amor tudo sofre.* Quantas vezes murmuramos e nos queixamos! Há pessoas que parecem que vivem sempre debaixo de uma nuvem. São adversamente afectadas e tornam-se infelizes por qualquer circunstância, condição ou acontecimento às vezes os mais insignifican-

## A vida cristã equilibrada

A salvação do pecado e suas conseqüências e a entrada no Reino de Deus só se encontram em Jesus, o Filho de Deus. Fora d'Ele não há salvação, unicamente uma receosa visão do juízo final. Esta verdade é repetidamente salientada nas Escrituras.

Quando perguntaram ao apóstolo Pedro qual era a sua fé, ele declarou diante dos chefes dos Judeus que a salvação não pode ser encontrada em ninguém a não ser Jesus (Actos 4:12). João afirma: «Quem tem o Filho tem a vida; quem não tem o Filho de Deus não tem a vida» (I João 5:12). Reparai como o apóstolo é categórico. Ele não declara meramente que o que tem a Jesus Cristo tem a vida; declara também que o que não O possui, *não tem a vida*. A verdade consiste em que, enquanto um pecador não aceita e recebe a Cristo está perdido apenas se não estiver vigilante no dia do Grande Julgamento; está perdido *agora*, e se continuar a rejeitar a Cristo, a sua condenação por toda a eternidade será me-

ramente confirmada no juízo. A nossa relação pessoal e individual com Jesus Cristo, determina o nosso destino eterno.

O próprio Jesus declarou: «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai senão por Mim» (João 14:6). Jesus não veio a este mundo apenas para revelar o caminho no qual devíamos andar ou para revelar a verdade que devíamos aceitar e na qual devíamos crer, ou para revelar a espécie de vida que devíamos viver. Oh, não! «Eu sou o Caminho e a Verdade e a vida», declarou Ele. Portanto, se queremos andar no caminho recto, se desejamos possuir a verdade, se estamos resolvidos a ter vida, temos de O aceitar.

Esta tão importante verdade foi salientada por Jesus noutra ocasião quando disse: «Em verdade vos digo que Eu sou a porta das ovelhas. Todos quantos vieram antes de Mim são ladrões e salteadores; mas as ovelhas não os ouviram. Eu sou a porta; se alguém entrar

---

tes. Não estão aptos a dizer como o apóstolo Paulo quando contou as provas, dificuldades e adversidades da sua vida: «Nenhuma destas coisas me abala». Com o amor no coração seremos capazes de suportar todas as coisas com alegria e sem queixumes.

12. *O amor tudo crê.* Quão frequentemente o nosso companheirismo com os homens e com Deus é manchado pela desconfiança. Se queremos gozar verdadeira camaradagem com os homens e real amizade com Deus, precisamos ter confiança. O amor traz tal qualidade ao coração humano: «Ele tudo crê».

13. *O amor tudo espera.* O amor é optimista. Vê o lado brilhante das coisas; não deixa lugar para o desespero, ansiedade e desânimo. Tais defeitos desaparecem quando o amor entra no coração humano.

14. *O amor tudo suporta.* O amor sabe que Deus vê o fim das coisas antes do seu princípio, que faz com que todas as coisas que manda ou permite que venham às nossas vidas trabalhem para o nosso bem temporal e eterno. O amor, pois, permite que enfrentemos as provações e desapontamentos da vida com uma calma ininterruptas.

Depois de ter falado nessas 14 coisas maravilhosas que o amor pode fazer quando der-

ramado nos nossos corações, o apóstolo exclama: «O amor nunca falha» (I Cor. 13:8). Ele nunca falhará em trazer aos nossos corações e vidas, essas virtudes maravilhosas, banindo ao mesmo tempo a impaciência, a indelicadeza, o orgulho, a loucura, a inveja, a ostentação, a suficiência própria, a ira, a malícia, a impureza, o queixume, a desconfiança, o desânimo e todas as outras coisas que não são à semelhança de Cristo.

Como os nossos corações vibrarão de alegria com as maravilhosas coisas que Cristo pode e quer fazer em nossas vidas! Ele pode fazer por nós e em nós muito mais abundantemente do que podemos dizer ou pensar. E para que Ele possa fazer por nós aquilo que tanto deseja, precisamos de O convidar a entrar nos nossos corações. Necessitamos de O receber em toda a Sua plenitude: não simplesmente como um hóspede, mas como Rei e Senhor das nossas vidas. Isso significa que Ele deve possuir mais de nós próprios do que nunca no passado. Na realidade, significa que deve possuir tudo quanto somos. Requer-se uma entrega sem reservas, de todo o coração. Só quando Ele dominar completa e inteiramente as nossas vidas é que poderá, então, fazer de-las verdadeiras vidas vitoriosas.

por Mim, salvar-se-á, e entrará e sairá, e achará pastagens» (I João 10:7-9). Cristo é o único caminho para o reino de Deus. Se queremos, portanto, entrar no reino da Sua graça e glória temos de O aceitar. A aceitação pessoal de Cristo traz salvação pessoal. «Eu sou a porta», disse Ele, o único meio de entrada. Quantos há que desejam a salvação, que esperam a salvação, mas que contudo, não O aceitam plenamente. Há multidões que enquanto ardentemente desejam a salvação, não estão preparados para aceitar as Suas palavras. Mas Jesus é o único caminho de salvação, a única porta para o reino dos céus. Quão importante é, pois, aceitá-Lo.

No momento em que uma pessoa aceita a Cristo realiza-se um milagre na sua vida. «Nasce de novo». Assim como no passado nascera dos seus pais, e em consequência desse nascimento recebera vida e resistência físicas, assim agora nasce do Espírito Santo, e como resultado desse novo nascimento recebe vida espiritual e começa uma nova e modificada vida (João 3:3-7). É propósito de Deus que tal vida se desenvolva, cresça e amadureça até se tornar radiosa, cheia de poder, vitoriosa e plena de frutos. Tal vida deve-se desenvolver, como diz Paulo, «até à medida da estatura completa de Cristo» (Efés. 4:13).

Um general passava revista às suas tropas. Primeiramente foram-lhe apresentadas algumas companhias que tinham acabado de ser acrescentadas ao exército. Não tinham ainda estado num campo de batalha, nem recebido o baptismo de fogo. Dirigindo-se a um dos seus oficiais disse: «Não conheço estes homens». Em seguida passaram diante dele alguns batalhões que tinham combatido em duas batalhas sob o seu comando. Desses homens ele disse: «Sei que posso confiar nestes homens».

Passaram então divisões de homens que tinham estado sempre com ele em muitas campanhas. Muitas vezes eles se tinham oposto ao inimigo conduzindo o seu general à vitória. Tinham as marcas e cicatrizes da batalha. Olhando para eles com orgulho e confiança ele disse: «Nestes homens sei que pos-

so confiar.» Sabia que podia confiar nelas porque nunca tinham recuado perante as suas ordens. A cada uma delas tinham dado instantânea e completa obediência.

Saberá Deus que pode confiar em vós e em mim? Se não estamos certos disso, não deveríamos perguntar a nós próprios hoje: Como poderei tornar-me um jovem ou uma jovem em quem Deus possa confiar? Podemos ainda fazer esta pergunta de outra forma: Como poderemos evitar a calamidade de permanecermos sempre bebês espirituais, de crescimento enrijado e com frutos poucos? Como poderemos atingir a plena varonilidade ou feminilidade em Cristo?

Jesus responde a esta pergunta. Ele declara: «Eu sou a porta; se alguém entrar por Mim, salvar-se-á e entrará e sairá e achará pastagens» (João 10:9). Palavras simples, mas quão importante é a verdade que contêm! Um rebanho para que cresça, se desenvolva e fortaleça, precisa de ter amplas pastagens. Assim também, nós, rebanho espiritual do Divino Pastor, necessitamos de pastagens. Na Palestina, todas as manhãs, o pastor conduz o rebanho para os prados e para as colinas em busca de pastagem. E à noite, trá-lo de volta ao redil para estar protegido e descansado. E é tal programa de saídas e entradas que dá o bem-estar físico ao rebanho.

O mesmo se passa conosco. Jesus diz que se alguém entrar e sair achará pastagens. Em tais palavras Ele estabelece em que consiste a vida cristã equilibrada e revela como podemos crescer e amadurecer espiritualmente. Para crescer e aumentar em espiritualidade, não basta entrar no redil de Cristo e permanecer aí, nem é suficiente sair para o mundo e trabalhar para Cristo. Precisamos de «entrar e sair».

O apóstolo Pedro exprime o mesmo pensamento. Falando aos cristãos ele diz: «Vós sois e geração eleita, o sacerdócio real» (I Pedro 2:8). Todo o que crê em Cristo é chamado a ser um sacerdote. Como vos deveis lembrar, um sacerdote, no Antigo Testamento, devia comparecer diante de Deus para interceder pelo povo e em seguida sair até junto do povo para lhe falar de Deus e do Seu amor.

O mesmo se passa com cada crente nos nossos dias. Precisa de *entrar* e de *sair*. Precisa de entrar em busca de comunhão; precisa de sair para servir. Precisa de entrar procurando fé, precisa de sair para espalhar amor. Precisa de entrar para receber de Deus; precisa de sair para compartilhar com os homens. Necessita de entrar para receber a visão; precisa de sair para desempenhar as tarefas. Precisa de entrar em busca de vida; precisa de sair para espalhar os frutos. Precisa de entrar para esperar Deus; precisa de sair para trabalhar para Deus. Precisa de entrar para ouvir de Deus; precisa de sair para falar em nome de Deus. Se vós e eu fizermos assim, encontraremos pastagens espirituais. Vivemos a vida cristã equilibrada. Teremos aprendido o segredo do crescimento e do progresso na nossa experiência cristã.

Pensemos um pouco na experiência cristã de «entrar» e esperar em Deus. Antes de mais, é imperativo entrar para sermos alimentados da Palavra de Deus. Para que uma criança cresça e se desenvolva fisicamente ou para que uma pessoa adulta esteja fisicamente bem e forte precisa de regularmente tomar alimentos. A falta de alimentos bons e nutritivos repercute-se no crescimento físico e traz fraqueza e incapacidade. O mesmo se passa na vida espiritual. Pouco alimento espiritual produz uma espiritualidade anã; nenhum alimento espiritual produz inanição e morte.

«Nem só de pão viverá o homem», declarou Jesus, «mas de toda a palavra que sai da boca de Deus» (Mat. 4:4). A vida física pede alimento físico. Todos nós, se gozamos de boa saúde, temos prazer em nos alimentarmos com bons, saudáveis e apetitosos alimentos. Mas muito mais importante do que o alimento, é o sustento espiritual, que nos é providenciado na Palavra de Deus. A Palavra de Deus é alimento espiritual. Foi providenciado para alimentar a nova natureza, a nossa vida que nos foi dada no momento da nossa conversão.

Esta verdade tem sido aceite pelo povo de Deus através de todos os séculos da história humana. Todos os crentes do passado encontraram alimento espiritual na Palavra de Deus e viveram

e prosperaram na medida em que introduziram as suas verdades, promessas e revelações nas suas próprias vidas. Escreveu o profeta Jeremias: «Achando-se a Tuas palavras logo as comi, e a Tua palavra foi para mim o gozo e a alegria do meu coração» (Jer. 15:16). Vós e eu não poderemos crescer espiritualmente se diariamente, com regularidade não «entrarmos» para nos alimentarmos da Palavra de Deus.

Em seguida, precisamos de «entrar» para sermos cheios do Espírito Santo. É através do ministério do Espírito Santo que o pecador se converte, nasce de novo e se torna um filho de Deus. É através do Espírito Santo que ele se torna capaz de viver a vida cristã. Cada um de nós necessita para viver fisicamente, de água assim como de alimento, pois a vida seria impossível sem tais coisas. O mesmo se passa na vida espiritual. Por isso o apóstolo Paulo foi inspirado a dizer: «E não vos embriagueis com vinho em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito» (Efes. 5:18). Enquanto é ordenado ao cristão que não beba vinho por causa dos perigos físicos e mentais que advêm do seu uso, é ele admoestado a encher-se de Espírito Santo sem medida.

A grande verdade salientada neste versículo é a de que nos enchamos daquilo a que abrimos as nossas vidas. Se nos dermos ao vinho, ficaremos intoxicados e sofreremos os males de tal destruidor da alma. Pelo contrário, se abrimos as nossas almas ao Espírito de Deus, Ele encher-nos-á com a presença e poder do céu. A comunhão com Deus, na medida em que «entrarmos» para a buscar, abre a Deus os nossos corações; quando o procuramos no lugar secreto da oração, experimentamos o influxo da vida espiritual e das graças do céu, tão seguramente e tão literalmente como o beberrão abre a sua vida à influência do vinho. É imperativo que todas as manhãs e durante todo o dia abramos os nossos corações à fresca corrente do Espírito Santo. Uma nova quietude, paz e poder encham a vida de todo aquele que procede assim.

Finalmente, precisamos de «entrar» para nos guardarmos a nós próprios

de sufocar espiritualmente. Lembra-se que Jesus um dia disse: «Mas os cuidados deste mundo e os enganos das riquezas e as ambições de outras coisas, entrando, sufocam a palavra e fica infrutífera» (Marc. 4:16). O mergulhador submarino, que trabalha debaixo de água, precisa que continuamente lhe seja bombeado ar para baixo. Sem isso ele não pode viver nem realizar a sua tarefa. O mesmo se passa com a espiritualidade cristã. Os cuidados da vida, as coisas que são consideradas de extraordinária importância neste mundo, os desejos da carne e muitas outras coisas, tendem a chocar com a vida espiritual. Só uma comunhão regular e pessoal com Deus nos pode manter e sustentar espiritualmente.

Jesus disse que um cristão é aquele que «nasceu de novo» (João 3:3). Um cristão, portanto, pertence a outro mundo. Se bem que ainda esteja neste mundo, não é deste mundo. A sua vida está escondida com Cristo em Deus. Esta é uma verdade que precisamos de recordar constantemente. Tal como o mergulhador submarino, também nos movemos e trabalhamos no meio de elementos que sufocam e contrariam a vida cristã. Diariamente temos de buscar em Deus através de Cristo, o sopro refrescante, revitalizante e que sustenta a alma: o sopro do Espírito Santo.

Se bem que nos inspire, fortaleça e refresque gozar de longos períodos de devoção e comunhão com Deus — e tal companheirismo com Deus nos prepara especialmente para enfrentar o maior desafio ou a maior crise da nossa vida cristã — é também privilégio de cada um de nós gozar de curtos momentos de contacto com Deus mesmo durante os atarefados compromissos da vida. No meio das vicissitudes da vida diária, podemos exclamar: «Senhor, salva-me». «Senhor ajuda-me». «Dá-me força». «Guia-me, Senhor». «Não deixes que os meus pés vacilem». E, assim, ganharemos forças, coragem e inspiração para enfrentar os desafios e crises da nossa vida diária.

Consideremos agora as relações do cristão com os outros homens, o cristão na sua vida de «sair». A força e benção de Deus pertencem-nos quando

saímos a trabalhar, tão certamente como quando vamos orar e comungar no esconderijo do nosso quarto, ou na solidão da montanha, ou nas retiradas profundezas da floresta. Isto foi ilustrado na experiência de 3 discípulos que estiveram com Cristo no monte da Transfiguração. Nos primeiros versos de Mateus 17 é-nos dito que Jesus tomou consigo a Pedro, Tiago e João e levou-os a uma alta montanha. Aí transfigurou-Se diante deles. Viram a Sua glória refulgente enquanto conversava com Moisés e Elias que Lhe apareceram. Foi para aqueles 3 discípulos uma experiência tão comovedora e enocionante que levou Pedro a exclamar: «Senhor, bom é estarmos aqui». Propôs ainda a construção de 3 tendas: uma para Cristo, uma para Moisés e outra para Elias. O seu plano era permanecer no monte onde ele e os seus companheiros tinham gozado a emoção e a inspiração da presença de Cristo e dos emissários celestiais. Jesus, contudo, não deixou os Seus discípulos no topo da montanha. Trouxe-os de novo para o contacto com as cenas da necessidade humana. É assim que Deus trata hoje com os Seus filhos. O Seu programa para eles é a um tempo de comunhão e serviço.

Há uma lição espiritual a tirar da dádiva de Caleb a sua irmã. Em Juizes 1:15 lemos que Caleb deu a sua irmã «as fontes superiores e as fontes inferiores». A terra sedenta é regada pela chuva que tomba dos céus e pela clara e fresca água que brota em fontes da feia e poeirenta terra. Assim é com as benções espirituais que Deus derrama sobre os Seus filhos. Na oração secreta e na comunhão pessoal descobrimos as fontes superiores da força, crescimento e refrigério, e na vereda do serviço diário encontramos as Suas fontes inferiores de êxito e riqueza em frutos, como testemunhas de Cristo. Para viver uma vida cristã progressiva e equilibrada, precisamos de constantemente seguir o programa que nos é apontado de «sair» e «entrar».

No mundo de hoje há em toda a parte pessoas que estão esperando que saiamos a trabalhar por elas. Há os desencorajados e os deprimidos, aqueles

de cujas vidas toda a esperança desapareceu, aqueles que estão sendo afligidos e provados, os que se sentem sós e esquecidos, os que choram e se lamentam, os que estão insatisfeitos com a vida que vivem e que desesperadamente buscam algo de melhor. É a esses que temos de levar a mensagem de Deus que é capaz de ir ao encontro de todas necessidades espirituais.

Em certa cidade, um homem de negócios, cristão, foi fortemente impressionado com a ideia de que devia falar com outro homem de negócios acerca da sua alma. Este segundo homem de negócios não era cristão e parecia mesmo nunca ter tido um único pensamento acerca do cristianismo. Alguns dias se passaram e embora o cristão tentasse esquecer o seu conhecido não cristão não o conseguiu fazer. Finalmente falou com ele ao telefone e marcou um encontro. Quando se encontraram, o homem do mundo pensou que naturalmente discutiriam uma proposta de negócio. O seu visitante contudo, disse: «Vim para lhe falar do mais importante problema na vida, o problema da sua relação pessoal com Cristo e da salvação que Ele lhe oferece». Por momentos o homem pareceu aturdido, mas depois, levantando a cabeça disse: «Há muito tempo já que esperava que alguém me convidasse a tornar-me um cristão». E depois de uns poucos momentos de conversa, esse incrédulo aceitou e entregou-se a Jesus, cheio de alegria de todo o coração.

Alguere uma alma está esperando por nós. Alguere, alguém espera a vossa visita. Desempenhai o vosso sacerdócio real e levai-lhe a mensagem do amor de Deus, a mensagem do perdão. Sim, «entrai» para alcançardes uma visão do terno amor de Deus e depois «saí» para levar esse amor aos homens, de viva voz e pela acção.

Qualquer espécie de trabalho pelos outros, mesmo que seja humilde, alimenta a alma e refresca o espírito. É a efectivação de pequenas coisas, mais do que o sonhar com grandes coisas, que nutre o filho de Deus e mais perfeitamente preenche as condições do crescimento e desenvolvimento cristão.

No dia do juízo final, Cristo relem-

brará ao Seu povo as coisas que fez nesta vida. De acordo com o quadro que as Escrituras nos traçam desse solene dia, Ele louvará os remidos não tanto pelas grandes obras que tenham feitos por Ele, mas pelos pequenos actos de serviço desinteressado realizado em favor dos outros e em Seu nome. Alimentar os famintos, dar de beber aos sedentos, refugiar os estrangeiros, cobrir os nus, visitar doentes e visitar os que estão na prisão—são os actos de serviço pelos quais Jesus louvará os remidos. (Mat. 25:34-40).

Conta-se a história de um ensaio que o grande Sir Michael Costa estava dirigindo e em que tomavam parte uma grande orquestra e centenas de vozes. Quando o coro cantava com plena força, acompanhado pelo estrondo do órgão, o rufar dos tambores, o somido dos cornetins e o choque dos címbalos, um homem que tocava flautim lá num canto distante disse para consigo mesmo: «Com todo este barulho pouco interessa que eu toque ou deixe de tocar», e deixou quieto o seu instrumento. De súbito o maestro ordenou silêncio e quando tudo estava quieto disse: «Onde está o flautim?» — O seu ouvido subtil tinha dado pela sua falta. A perfeita harmonia da composição tinha sido estragada porque o tocador de flautim não tinha feito a sua parte.

Talvez tenhais pensando que não tendes uma parte a desempenhar no grande plano de Deus. Talvez o que vos seja pedido, falando em sentido figurado, seja apenas fazer recados, acarretar madeira, lavar pratos ou realizar outras pequenas tarefas quotidianas. Mas tais coisas que vos poderão parecer pequenas, desempenham uma parte importante no vosso crescimento espiritual e são essenciais para que possais viver uma vida cristã equilibrada e amadurecida. «Eu sou a porta; se alguém entrar por Mim, salvar-se-á e entrará e sairá e achará pastagens».

---

## Visado pela Censura

## É Cristo uma realidade para vós?

Quão importante é a pergunta: É Cristo uma realidade para vós? Durante os dias desta Semana especial de Oração e estudo da nossa relação com Cristo, temos considerado algumas importantes perguntas relacionadas com este tão importante assunto. Hoje abordaremos o tema sob outro prisma e inteirar-nos-emos de novo da sua extraordinária importância. Na memorável oração que Jesus fez a Deus Pai antes de ser traído, aflagido e morto, Ele revelou uma grande solicitude pelos Seus seguidores de todos os tempos. Orou para que Deus pudesse dar a vida eterna a todos os que viessem a crer n'Ele. E depois declarou: «E a vida eterna é esta: que Te conheçam, a Ti só, por único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste» (João 17:3).

Notai bem a afirmação; Jesus não disse: «A vida eterna é esta: que conheçam *alguma coisa acerca* de Ti e acerca de Jesus Cristo». Ele disse: «A vida eterna é esta: que Te conheçam a Ti... e a Jesus Cristo». Há um mundo de diferença entre conhecer *alguma coisa acerca de Cristo e conhecer a Cristo*.

Apenas ouvir ou ler alguma coisa acerca de alguém, não nos faz conhecer essa pessoa. Podemos ouvir falar de certas pessoas importantes; podemos ler livros e artigos de jornal acerca dela e dos seus feitos; podemos relacionar-nos com todos os factos e detalhes da sua vida, mas, se nunca a conhecermos pessoalmente em estreita associação e companheirismo com ela, nunca a conheceremos. É necessário contacto pessoal com uma pessoa, se na realidade a quisermos conhecer. O mesmo se passa com Cristo. Aprendemos a conhecê-lo como resultado de pessoal e íntimo contacto, associação e companheirismo com Ele.

Não há conhecimento tão importante como o conhecimento de Cristo. «A vida eterna é esta», disse Jesus, «que Te conheçam a Ti... e a Jesus Cristo, a quem enviaste». Esta é a vida

eterna. Conhecer a Cristo não trará apenas o gozo da vida eterna, daqui a algum tempo no futuro; tal vida eterna que um dia gozaremos ininterruptamente e eternamente começará desde já aqui e agora.

Chegámos a um tempo em que, da parte de todos os homens e mulheres em qualquer lugar e especialmente da parte da juventude, há uma grande sede de conhecimento. Todos os assuntos imaginários têm sido estudados todos os problemas investigados, e busca-se uma resposta para todas as perguntas que nascem na mente do homem. Como resultado, o conhecimento, como declarou o profeta Daniel que aconteceria nos últimos dias, tem-se grandemente multiplicado (Dan. 12:4). Desafortunadamente na sua ânsia de alcançar conhecimento, o homem dos nossos dias está escorçoando cada vez mais a Deus do seu pensamento e da sua vida. É esquecido o inspirado conselho do apóstolo Paulo: «Ninguém se engane a si mesmo: se alguém dentre vós se tem por sábio neste mundo, faça-se louco para ser sábio. Porque a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus» (I Cor. 3:18, 19).

O verdadeiro conhecimento e sabedoria têm a sua origem em Deus. Ele é a fonte de toda a ciência. Outrora o salmista declarou: «O temor do Senhor é o princípio da sabedoria: bom entendimento têm todos os que Lhe obedecem» (Salmos 111:10.)

É, pois, de suprema importância, que conheçamos a Deus. Mas só podemos conhecer a Deus Pai, através de Jesus Cristo, Seu Filho, pois como Jesus Cristo disse: «Vós nunca ouvistes a Sua voz nem vistes o Seu parecer» (João 5:37). «Deus nunca foi visto por alguém. O Filho Unigénito, que está no seio do Pai, Esse O fez conhecer» (João 1:18).

Jesus veio a este mundo e aqui viveu, trabalhou, serviu, e morreu para dar aos homens uma revelação de Deus. Conheçê-lo é conhecer Deus o Pai e

conhecer a Deus através de Jesus, Seu Filho, é possuir a vida eterna.

Como poderemos relacionar-nos com Jesus Cristo? Como poderemos na realidade conhecê-lo? Como poderemos conhecê-lo como a maior e suprema realidade das nossas vidas?

Em resposta a estas importantes perguntas desejo apresentar 5 meios ou caminhos de cultivar uma comunhão pessoal e comovente com Cristo.

*1. Relacionamo-nos com Jesus pela fé.* «Ora», declarou o apóstolo Paulo, «a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam e a prova das coisas que se não vêem» (Heb. 11:1). A fé, para ser real, deve ser baseada, fundada, na palavra de Deus. A fé capacita a pessoa que a exerce a olhar para as coisas que, segundo a Palavra de Deus, se esperam, como existindo desde já, e para as coisas invisíveis como se fossem visíveis.

Assim, para o cristão, Cristo não é um mito ou uma fantasia. Ele não é meramente uma ciência indefinível que encha o Universo. Nem tão pouco uma personalidade misteriosa que habite as regiões do espaço para além das vistas do homem. Ah não! Pela fé podemos ver a Jesus. Podemos vê-lo e saber que está ao nosso lado; que nos acompanha através de todas as vicissitudes da vida, ajudando-nos nas nossas lutas, confortando-nos nas nossas tristezas e desapontamentos e dando-nos a vitória sobre as nossas tentações. Pela fé podemos vê-lo no trono dos nossos corações como supremo Senhor e dominador das nossas vidas, guardando-nos e mantendo-nos firmes e verdadeiros no meio dos ataques e assaltos do inimigo.

Em Moisés, o chefe de Israel no movimento do Êxodo, temos uma ilustração das relações que o homem pode desenvolver com Cristo pela fé. Moisés foi chamado a realizar um grande trabalho para Deus — um trabalho que o envolveu em muitos problemas, grandes dificuldades, numerosas provas e graves riscos. Primeiro, foi levado diante da face de Faraó o senhor do Egípto, diante dos seus sábios e do poder e força do seu exército. Depois, durante 40 longos anos suportou as críticas,

a descrença e a rebelião do povo de Israel e os ataques dos seus inimigos enquanto os conduzia através do deserto para a Terra prometida.

Como conseguiu Moisés vencer todas estas adversidades e dificuldades? A resposta simplesmente é que, pela fé, ele se relacionou com Jesus Cristo. E essa relação era tão profunda e tão íntima que «ficou firme como vendo o invisível» (Heb. 11:27). Da mesma maneira a vós e a mim é-nos dada a oportunidade de desenvolvermos uma vida de íntima relação com Cristo.

*2. Relacionamo-nos com Cristo através da Palavra de Deus.* Ao povo dos Seus dias Jesus disse: «Examinaí as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna e são elas que de Mim testificam» (João 5:39). Jesus olha-nos através de cada página da Bíblia e fala-nos como se na realidade O pudéssemos ver. Nos Evangelhos vemos-lo de novo vivendo entre os homens, ouvimo-lo falar palavras de instrução, conselho e conforto e vemos-lo morrer em nosso lugar pagando o preço das vossas e minhas culpas. Na história bíblica aprendemos do Seu poder e de Suas providências e temos uma revelação do que Ele fez no passado pelos homens. Nas epístolas Ele fala-nos de como alcançou uma vida vitoriosa e sem pecado, da Sua morte propiciatória por vós e por mim e de como tais meios podem actuar nas nossas vidas. Através da profecia Ele abre-nos o futuro, desvenda a experiência pela qual o Seu povo passará e indica-nos o triunfo final e o destino eterno.

Quão importante é, pois, ler diáriadamente uma porção da Bíblia, estudar uma passagem e meditar nela! Tudo isso deve ser feito, não mecânicamente, mas de maneira a permitir que Jesus nos fale através da Sua Palavra e a permitir que Ele se revele cada vez mais intimamente a cada um de nós.

*3. Relacionamo-nos com Jesus através da oração e da comunhão.* Supõe que um dia passeis ao longo de uma estrada. Enquanto o fazeis encontráreis um estranho que, como vós, goza a alegria de um passeio no meio das fascinantes belezas da natureza. Tendo encontrado essa pessoa cami-

nhais agora a seu lado durante vários quilômetros. Desejais cumprimentá-la e estabelecer conversação com ela. Estais curiosos por saber de quem se trata, da sua origem, estais também dispostos a partilhar o vosso deleite perante as belezas do cenário. Da mesma maneira ela também está inclinada para vós. Contudo, vós não chegais a estabelecer conversação. Nem sequer trocáis uma palavra de saudação, e hora após hora, caminhais em silêncio. Quando chega o fim do passeio sabereis alguma coisa sobre essa pessoa? Certamente que não. Continuará a ser um estranho para vós e vice-versa.

A conversação, comunhão e troca de pensamentos, são essências para nos relacionarmos com uma pessoa. Esta é pois a outra maneira de conhecermos a Jesus Cristo. Na oração falamos com Ele e enquanto esperamos n'Ele na quietude do nosso quarto ou em qualquer recanto afastado que tenhamos escolhido para O procurar, Ele fala-nos.

Jesus diz: Mas tu quando orares entra no teu aposento, e fechando a tua porta, ora a teu Pai que está em oculto; e teu Pai, que vê secretamente, te recompensará» (Mat. 6:6). Uma vez que toda a vida do cristão é uma vida de companheirismo com Cristo, é absolutamente essencial que cada um de nós escolha para si próprio um lugar fixo onde regularmente O possa encontrar. Tal lugar pode ser em qualquer lado, tal lugar pode mudar de dia para dia, mas deve ser sossegado e afastado para que possamos comungar com Ele. É nesta câmara interior do companheirismo pessoal e da comunhão, que na realidade podemos conhecer a Cristo e Ele se torna uma viva realidade para cada um de nós.

4. *Conhecemos a Jesus através do companheirismo.* O apóstolo João, o discípulo que Jesus amava de maneira particular, foi inspirado a escrever: «O que vimos e ouvimos anunciamos, para que também tenhais comunhão conosco: e a nossa comunhão é com o Pai e com Seu Filho Jesus Cristo» (I S. João 1:3). O cristianismo oferece um maravilhoso e comovedor companheirismo, o companheirismo com Jesus Cristo. É tão importante e essencial

é para cada um de nós experimentá-lo! Se bem que seja imperativo que diária e regularmente tenhamos um encontro com Cristo no lugar secreto do coração, é também essencial que cultivemos constante e ininterrupta camaradagem com Ele. É andando e acamaradando com Ele que aprendemos a conhecê-lo.

J. R. Müller, que foi um devoto e esplêndido cristão, disse: «Para mim a religião significa apenas uma coisa: Jesus e eu somos amigos». Tal deveria significar também a religião para vós e para mim. Suponde que tendes um amigo muito querido que significa para vós mais do que qualquer outra pessoa fora da vossa família chegada. Tendes deleite na sua presença e companhia. Diariamente procurais conhecê-lo melhor. Mas, por qualquer razão, um dia a vossa amizade com ele é interrompida, torna-se espaçada, passais a vê-lo cada vez menos, seguis caminhos diferentes. Virá finalmente o tempo em que vos tornareis praticamente estranhos, um para outro.

Para que possamos conhecer a Cristo, precisamos ter companheirismo constante com Ele. Ele deve ser o nosso melhor amigo, o nosso Companheiro, o nosso Irmão mais velho. Como disse o escritor do hino, precisamos de estar aptos a dizer:

*Em Jesus Amigo temos  
Mais chegado que um irmão  
E nos manda que levemos  
Tudo a Deus em oração:  
Oh, que paz perdemos sempre,  
Oh, que dor de coração,  
Só porque nós não levamos  
Tudo a Deus em oração!*

5. *Conhecemos a Jesus através do toque da fé.* Falar de religião em sentido genérico, de maneira genérica, fortuita, orar sem um desejo intenso de possuir as bênçãos do céu, sem uma fé viva, de nada vale. Não podemos aprender a conhecer a Cristo desta maneira. «A fé nominal em Cristo, que o aceita apenas como o Salvador do mundo, não pode nunca trazer cura à alma. A fé que opera salvação, não é mero assentimento espiritual à verdade. Aquele que

# O nosso tempo, a nossa obra e a nossa juventude

Há muitos séculos o Apóstolo João fez uma declaração muito significativa e assustadora: «Filhinhos, é já última hora: e, como ouvistes que vem o anti-Cristo, também agora muitos se têm feito anti-cristos: por onde conhecemos que é já a última hora» (1 João 2:18). Através desta e de outras passagens do Novo Testamento, torna-se-nos claro que nos dias das apóstolos houve muitos que se levantaram dentro e fora da igreja e que, a despeito da sua elevada profissão de fé, não estavam trabalhando para o estabelecimento da Igreja de Deus! Com a experiência dos obreiros cristãos usavam o seu tempo e as suas energias para trazer erros para dentro da igreja, embarçando-a na sua tarefa, dada por Deus, de levar o evangelho a todo o mundo. João cognominou essas pessoas de anti-Cristo.

É evidente, contudo, que quando o apóstolo escreveu a sua admoestação, não estava escrevendo tanto para o povo do seu tempo, mas acima de tudo para o povo de Deus que havia de viver nos últimos dias da história da terra, pois disse solenemente: «E' já a última hora». Esta afirmação, contudo, foi escrita debaixo da inspiração do Espírito Santo, especialmente para vós e para mim que estamos vivendo nestes

---

espera inteiro conhecimento antes de exercer fé, não pode receber bênção de Deus. Não basta crer no que se diz acerca de Cristo; devemos crer n'Ele. A única fé que nos beneficiará, é a que O abraça como Salvador pessoal; que se apropria de seus méritos. Muitos têm a fé como uma opinião. A fé salvadora é um ajuste pelo qual aqueles que recebem a Cristo se unem a Deus em concerto. Fé genuína é vida. Uma fé viva significa acréscimo de vigor, segura confiança pela qual a alma se torna uma força vitoriosa». O Desejado de Todas as Nações, pág. 256.

últimos dias. Há séculos atrás, quando Jesus estava na terra, os Seus discípulos em certa ocasião aproximaram-se d'Ele com a pergunta: «Dize-nos quando serão essas coisas e que sinal haverá da Tua vinda e do fim do mundo?» (Mat. 24:3). Em resposta Jesus descreveu com precisão e clareza os grandes acontecimentos que haveriam de correr; descreveu os problemas sociais, políticos e religiosos e certos outros fenômenos que se dariam e por fim disse: «Igualmente, quando virdes todas estas coisas, sabeí que ele (o Meu regresso) está próximo, às portas» (Mat. 24:35).

Hoje vós e eu estamos vendo todas essas coisas das quais falou Jesus. Esses acontecimentos e condições enchem a hora presente — a hora em que vivemos. Aos nossos ouvidos eles gritaram em alta voz anunciando a solene mensagem de que Cristo em breve virá como Rei dos reis e Senhor dos senhores. Sim, esta é «a última hora», da qual o apóstolo escreveu.

Pensem hoje seriamente no tempo a que chegámos e pensem na inspiração que ele nos dá. Chegámos ao clímax da história da humanidade. Todas as profecias da Bíblia chegam ao seu fim. Nenhuma profecia que envolva tempo se estende aquém do ano de 1844. E os acontecimentos preditos para os últimos dias já se realizaram todos ou estão tendo lugar aos nossos olhos hoje.

Além disso estamos presenciando a terminação da obra do evangelho. E' propósito de Deus que nestes últimos dias aos quais chegámos, a história do Seu amor e da salvação que Ele oferece, seja levada com grande poder e rapidez nunca vista a todo o mundo. E' plano de Deus que todas as pessoas que vivem neste últimos dias tenham oportunidade de conhecer o Seu amor e a Salvação que Ele providenciou pa-

ra os pecadores. Este é o tempo do julgamento de todos os homens, e estamos chegando às suas horas finais. Este conhecimento proporciona-nos a oportunidade de conhecer com certeza, que em virtude, da nossa aceitação de Cristo e da nossa união com Ele, estamos aptos a ser julgados pelo Juiz de todo o Universo. Sim, é inspirador ter tão maravilhoso conhecimento. Mas pensemos nas responsabilidades da hora presente. Deus podia ter escondido de nós o conhecimento do tempo a que chegamos; podia ter permitido que caminhássemos em ignorância e descuido, chegando finalmente ao último grande dia da história humana sem estarmos preparados. Mas pelo Seu amor e através da Sua maravilhosa providência, deu-nos o conhecimento da hora solene em que vivemos. Isso dá-nos a oportunidade de nos prepararmos para o último grande dia, mas também nos torna responsáveis pela revelação ao mundo dos solenes dias em que vivemos, admoestando os homens e mulheres a unirem-se a nós na preparação pessoal para os acontecimentos que estão à nossa frente.

Pensemos também no efeito que esta honra solene deve ter sobre nós. Na última reunião falámos de uma mulher que cheia de fé tocou na orla do vestido de Jesus. Neste último período de tempo, cada um de nós deve procurar descobrir o toque vital de Cristo nas nossas vidas. Indo a Ele com as nossas falhas, erros e defeitos, devemos permitir-Lhe que nos toque com o Seu toque de cura e ouvi-l'O dizer: «Estás limpo; vai e não peques mais». Necessitamos desta alegria e desta experiência não só para nós próprios como também para que possamos estar aptos a ir ao encontro das necessidades do nosso próximo.

Finalmente, pensemos no desafio que a hora presente lança à juventude. Esta hora desafia cada um de nós a descobrir nas nossas vidas uma firme influência. O mundo de hoje e especialmente a juventude procura a fuga na excitação e no prazer. As excitações são o objectivo de todos os seus esforços. Quão importante é pois descobrir a estabilizadora influência de Cristo nas

nossas vidas! Só Ele nos pode manter firmes e guardar-nos nesta hora cheia de perigos.

Esta hora desafia-nos a uma descoberta conscienciosa da nossa mensagem. Nestes dias em que se ouvem tantas vozes em conflito e tantas coisas disputam a nossa atenção e nosso tempo, necessitamos de constantemente ouvir e atentar nas transcendentais reivindicações da mensagem de Deus para este tempo. Necessitamos de nos conservar limpos e abrir a estrada da nossa vida para que os propósitos de Deus sempre possam conservá-la limpa de obstáculos.

## A NOSSA JUVENTUDE

Dado que chegámos aos últimos dias e temos um solene e urgente trabalho a fazer e uma tarefa será realizada em grande medida pela juventude do Movimento Adventista, é imperativo que ela oiça e responda ao chamado de Deus para o Seu serviço. Quão importante é, por conseguinte, que cada jovem compreenda como Deus chama indivíduos para realizarem tarefas específicas.

A Bíblia contém muitos relatos de como Deus através dos séculos chamou homens e mulheres para o Seu serviço. Todos eles merecem o nosso estudo, mas examinaremos apenas um, pois é típico de todos os outros. Refiro-me ao chamado que Deus fez a Isaías que, como resultado da sua resposta ao apelo divino, se tornou um dos mais notáveis servos de Deus dos tempos do Velho Testamento. O relato desse chamado encontra-se no 6.º capítulo de seu livro. Aconselho-vos a leitura desse capítulo. Deixai que a sua mensagem penetre no vosso coração, pois como Deus tratou com Isaías, assim deseja também tratar convosco hoje.

No versículo 1 desse capítulo é-nos dito que Isaías viu o Senhor. Deus deu-lhe claramente uma visão na qual ele O viu na Sua pureza, majestade e poder. Deus nem sempre se revela como o fez com Isaías, mas contudo revela-se a cada um de nós. Fá-lo através do Seu Espírito, na consciência espiritual de cada um.

Com os olhos da fé podemos ter uma visão da Sua glória, perfeição e poder.

Quando Isaías viu o Senhor na Sua pureza sem mancha, viu-se também a si próprio na condição de pecado (v. 5). Viu-se a si próprio à luz da glória de Deus. Essa glória revelou-lhe a sua condição imperfeita e em agonia de alma exclamou: «Ai de mim que vou perecendo». Viu as suas faltas e os seus erros como nunca antes, e em arrependimento e confissão suplicou a purificação de todas as suas culpas.

Em resposta um serafim voou para ele e tocou os seus lábios com uma brasa viva do altar de Deus dizendo: «Eis que isto tocou os teus lábios; e a tua iniquidade foi tirada e purificado o teu pecado» (v. 7).

É desta maneira que Deus trata com todos os Seus filhos. Desta maneira trata hoje convosco e comigo. Em primeiro lugar, através do Seu Espírito torna-nos conscientes da sua pureza e perfeição e da nossa extrema pecaminosidade. Depois, na medida em que nos arrependemos dos nossos pecados suplicamos o seu perdão, Ele nos perdoa e purifica de todo o pecado.

Mas Deus fez mais alguma coisa por Isaías. Mostrou-lhe as desesperadas necessidades da humanidade e apelando para ele disse: «A quem enviarei, e quem há-de ir por nós?» Isaías respondeu: «Eis-me aqui, envia-me a mim» (v. 8).

Exactamente o mesmo está Deus fazendo hoje. Logo que vós e eu ouçamos a Sua voz, respondamos a ela e experimentaremos o Seu poder de purificar e salvar, então Ele nos revelará as necessidades do nosso próximo e nos convidará a servi-l'O como Isaías no passado. Pertence-Lhe determinar aonde e de que maneira O devemos servir, mas a pergunta que hoje se põe diante de nós é: Estou eu preparado para servir a Deus? Estou eu preparado para O servir no lugar e sob as circunstâncias que Ele indicar?

Oh, que grandes possibilidades temos hoje de, por Deus, realizarmos grandes coisas, tão sòmente estejamos sempre dispostos a fazê-lo no lugar que

Deus escolheu e sob a Sua direcção! Ouçamos as comovedoras palavras do livro Educação, pág. 262:

«Aqueles em quem Ele viu fidelidade, têm sido, no passado, chamados dentre as mais humildes posições na vida, a fim de testificarem d'Ele nos mais elevados lugares do mundo. E muitos jovens de hoje, que crescem como Daniel no seu lar judaico, estudando a palavra e as obras de Deus, e aprendendo as lições do serviço fiel, ainda se levantarão nas assembleias legislativas, nas cortes de justiça ou nos paços reais como testemunhas do Rei das reis. Multidões serão chamadas para um ministério mais amplo. O mundo todo se está abrindo para o evangelho. A Etiópia está estendendo as mãos a Deus. Do Japão, China e Índia, das terras mais obscuras do nosso próprio continente, de toda a parte deste nosso mundo, vem o clamor de corações feridos em seu anelo de conhecimento do Deus de Amor.»

Através do profeta Joel, Deus predisse que nos últimos dias os jovens teriam visões e que poria o Seu Espírito sobre toda a carne (Joel 2:28, 29). Sim, jovens, do que nós necessitamos hoje é de uma visão de Deus, uma visão e uma experiência do Seu poder salvador, uma visão das necessidades do mundo e uma visão de como vós e eu podemos ser usados por Deus para ir ao encontro de tais necessidades.

«Estamo-nos aproximando do encerramento da história terrestre. Temos diante de nós uma grande obra — a obra final de dar ao mundo pecador a última mensagem de advertência. Há homens que serão tirados do arado, da vinha, de vários outros ramos de trabalho, enviados pelo Senhor a dar ao mundo esta mensagem.» — Obreiros Evangélicos, pág. 56.

Jovens, chegou a última hora. Escuridão, densa escuridão cobre a terra e a humanidade. Mas Deus convida-nos a brilhar, como estrelas resplandecentes, para Ele, espalhando luz para que outros possam ver o caminho que leva ao país do eterno dia.

# A vida rendida

Durante esta semana passámos em revista juntos, as verdades essenciais e fundamentais das Escrituras relacionadas com a maneira pela qual nós, que nascemos em pecado, podemos tornar-nos filhos e filhas de Deus e viver a vida cristã. Como introdução à mensagem para hoje passemos em revista, sumariamente, algumas destas grandes e maravilhosas verdades.

1. O corpo de cada crente sincero em Cristo, é o templo do Espírito Santo (I Cor. 6:19 e 20)

2. O Espírito Santo entra no coração humano na altura da conversão (João 3:5 e 6).

3. O Espírito Santo entra no coração do que nasceu de novo para aí habitar para sempre. Não periodicamente ou como um mero visitante. Entra para habitar enquanto for desejado e benvindo (João 14:16).

4. Caminhar no Espírito em vez de caminhar na carne, como no passado, é o segredo do poder, o privilégio e paz da vida cristã. (Gál. 5:16).

5. Assim, para caminhar no espírito, a primeira condição essencial é a absoluta entrega a Deus da vida que o crente outrora controlou e dirigiu por si próprio. (II Cor. 5:15).

Uma entrega absoluta, de todo o coração, sem reservas, pois, é a primeira e mais essencial condição para viver uma vida cristã cheia de poder, paz, vitória e brilho. Que poderia o oleiro fazer se o barro com que trabalha não lhe obedecesse? Que poderia o artista fazer se a tela em que pinta não se submetesse ao seu controle e domínio? Que poderia Deus fazer com a vida que não se Lhe entrega?

Quando o nosso relógio se avaria levamo-lo ao relojoeiro para que o arranje. As jóias cujo engaste se partiu levamos ao joalheiro. Quando partimos uma perna entregamo-las nas mãos do cirurgião. Poderemos fazer diferentemente com o tesouro sem preço da nossa vida do que entregá-lo nas mãos de Deus, se queremos alcançar as Suas e nossas mais altas aspirações em relação a ela?

É por isso que Deus, na Sua Palavra, nos convida a rendermo-nos a Ele se queremos que o Espírito Santo seja derramado sobre nós e transforme as nossas vidas para que O possamos glorificar e alcançar suprema alegria e satisfação. Reparaí em alguns dos Seus fervorosos apelos. Em Rom. 6:13 Ele diz através do apóstolo Paulo: «Entregai-vos a Deus». No v. 16. Ele põe a pergunta: «Não sabeis vós que a quem vos apresentardes por servos para lhe obedecer, sois servos daquele a quem obedecéis?» E no verso 19: «Assim como apresentastes os vossos membros para servirem à imundícia e à maldade para maldade, assim apresentai agora os vossos membros para servirem à justiça para santificação». Quando nos consagramos a Deus apresentamo-nos ou rendemo-nos a Ele. Mas desejo pôr e

estudar convosco a pergunta: O que é a vida rendida? Ou melhor que acto precisamos de fazer para abrir a porta das nossas vidas a Deus?

Há 5 versículos entre muitos outros que clara e explicitamente respondem a esta importante pergunta. São os seguintes:

Romanos 12:1

II Coríntios 8:5

I Pedro 4:2

Estes versículos tornam claro que rendição ou consagração ou entrega a Deus, como já vimos, é uma voluntária oferta de nós próprios a Deus, para fazermos a Sua vontade em vez da nossa própria vontade. Notai o pensamento central, cada um deles significativo destes 5 textos:

1. Rendição ou consagração é uma oferta.

2. Rendição ou consagração é uma oferta voluntária. «Apresentação» e «presente», «dádiva», são as palavras centrais destes textos.

3. Rendição é uma oferta voluntária de nós próprios.

4. Rendição é a oferta voluntária de nós próprios a Deus.

5. Rendição é a oferta voluntária de nós próprios a Deus para fazermos a sua vontade em vez da nossa própria vontade.

Pensemos agora mais profundamente nestas expressões relacionadas com o importante assunto da nossa rendição.

1. *Rendição é uma oferta.* Em Exodo 32:29 lemos que Moisés certo dia disse ao povo: «Consagrai hoje as vossas mãos ao Senhor». Sim, o crente judeu devia encher as suas mãos com as melhores e mais escolhidas ofertas para trazer e apresentar ao Senhor. Da mesma maneira, o filho de Deus, deve-se oferecer a si próprio a Deus, como a mais elevada expressão do culto.

Durante os dias da escravatura nos Estados do Sul da América, um velho negro foi levado para o mercado para ser leiloado. Entre a multidão de compradores e vendedores havia um branco que se apiedou do velho negro de cabelos brancos e começou a licitá-lo. Os lances começaram a subir finalmente, porém, o negro foi vendido a esse homem, pois ninguém mais o quis.

No fim dos negócios do dia, o homem chegou junto do velho escravo recebendo dele apenas olhares de mofo e de escárnio. «Comprei-te para te libertar! És livre!» exclamou o branco. A importância dessas palavras gravou-se na mente do velho negro que caindo de joelhos aos pés do seu libertador disse: «Senhor, serei seu escravo para sempre!».

Esta foi a atitude do apóstolo Paulo. Outrora vivera como escravo do pecado. Vivera para o seu próprio prazer e engrandecimento. Um dia ouviu o chamado de Deus e aceitou o apelo de Cristo. E, de tal maneira se rendeu,

que pôde escrever: «Eu, Paulo, sou o prisioneiro de Jesus Cristo» (Efés. 3:1). Podemos usar outra expressão: «Servo» ou «escravo» de Jesus Cristo. Este homem que tinha sido escravo do pecado, agora regozijava-se em se chamar a si mesmo «o escravo de Jesus Cristo». E na realidade assim era. Já não desejava agradar a si mesmo ou procurar encontrar satisfação nos aplausos e louvores dos homens. A sua alegria e regozijo irradiavam do facto de agora se encontrar sujeito a Jesus Cristo.

Não temos razão para duvidar que Deus nos aceitará quando nos entregamos a Ele. Na realidade todos nós pertencemos a Deus, mesmo antes de nos darmos a Ele. Não é para sermos d'Ele mas porque somos d'Ele que somos convidados a entregarmo-nos e tudo quanto temos e somos a Ele.

A compra é importante mas é a *libertação* que confere a posse. Deus comprou-nos quando deu o Seu filho Unigénito para morrer por vós e por mim.

**2. Rendição é uma oferta voluntária.** Vimos que tendo Jesus morrido por nós, pertencemos verdadeiramente a Deus. Deus, contudo, não toma arbitrariamente posse de nós. Ele não ultrapassa o limiar da liberdade humana. Ele suplica, fala-nos através da Sua Palavra, pede-nos, implora, mas nunca força ou obriga. O mais solene pensamento acerca da oferta das nossas vidas a Deus consiste em que quando o Espírito Santo faz o Seu trabalho para nos convencer que somos d'Ele e a Ele pertencemos, deixa connosco o entregarmo-nos ou deixarmos de nos entregar! Temos de enfrentar as consequências da nossa escolha.

Possivelmente as mais tristes e patéticas palavras que Jesus falou aos homens do Seu tempo, foram as que Ele proferiu em Jerusalém precisamente antes da Sua crucificação: «Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis Eu ajuntar os teus filhos como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas e tu não quizes-te!» (Mat. 23:37). «Quantas vezes Eu quis... e tu não quizes-te».

Talvez olhemos hoje para o rosto amado de Jesus e Lhe digamos: «Sim, Senhor, eu sei que Tu me compraste. Eu sei que sou Teu. Mas estou muito atarefado com os meus planos mundanos, prazeres, ambições e consecuições e não desejo dar-Te a minha vida». Ele não nos obrigará; não nos compelirá. Ele, a personificação do Amor, espera uma entrega voluntária de vós e de mim, que somos os mais queridos objectos dos Seus sofrimentos e sacrifícios.

**3. Rendição é a voluntária oferta de nós próprios.** É o nosso próprio eu que Deus deseja. Nenhuma dádiva de dinheiro, de tempo, de serviço ou de talentos pode satisfazer o anelo que o coração de Deus tem por nós próprios. Deus é amor e o amor anela possuir o coração.

A rendição é uma transacção entre o Redentor e o redimido. Prata e ouro, tempo e talentos, ministério e serviço, são os acessórios do rendido, mas nunca fazem com que Deus os aceite como substituto do crente. Te-

mos de nos *dar a nós próprios* a Cristo como nosso Salvador e Senhor.

O apóstolo Paulo fala de Cristo como «Jesus Cristo Nosso Senhor». Conhecemos a Jesus, mas reconhecêmo-l'O também como Nosso Senhor? Senhor significa Mestre, Possuidor, o Proprietário de nós próprios, em absoluto e para sempre.

**4. Rendição é a oferta voluntária de nós próprios a Deus.** Para muitos o pensamento da entrega da vida está ligado com o campo missionário, o ministério, enfermagem, ensino ou qualquer outra forma especial de serviço. Mas tal não é de maneira nenhuma o caso. A pergunta real, a mais importante de todas é: Confio eu em Deus de tal maneira que coloco a minha vida nas Suas mãos sem olhar para o lugar ou forma de serviço que Ele me indique? Os crentes de Macedónia deram-se a si próprios «primeiro a Deus», escreveu o apóstolo Paulo. É isso que vós e eu devemos fazer; quando o tivermos feito, não será difícil para nós fazermos qualquer coisa ou irmos para qualquer lugar que Deus tenha no Seu plano e propósito para nós.

**5. Rendição é a voluntária oferta de nós próprios a Deus para fazer a Sua vontade em vez da nossa própria vontade.** Rendição não é um acto meritório; não é um acto que induza Deus a fazer por nós algo que não tenha pensado fazer pelos outros. Não é um acto de justiça que Deus aceite de vós e de mim; é a que é realizada em nós por Jesus através do Espírito Santo. A nossa rendição permite a Deus fazer por nós e por nosso intermédio aquilo que não poderíamos fazer por nós próprios. Torna-lhe possível realizar a Sua vontade e os Seus planos. Permite-Lhe fazer por nós muito mais abundantemente do que podemos pensar, e por nosso intermédio dará progresso ou avanço aos Seus objectivos e trará glória e brilho ao Seu nome.

Hoje, jovens, o Senhor está-vos falando de novo. Com terna e compassiva voz Ele suplica: «Dá-Me o teu coração». Ele quer tocar as nossas vidas. Deseja transformá-las e torná-las belas para Si próprio e para serem um testemunho perante os homens.

Jovens, vinde ao Mestre e deixai que Ele vos transforme hoje. Ele sabe e quer tocar nas cordas do vosso coração uma melodia que comoverá os anjos e os homens e que ressoará nos céus por toda a eternidade.

---

Sobre o grande problema insondável da vida,  
Diz-me mais numa encosta uma roseira florida,  
Uma abelha a zumbir sobre o mel dum nectário,  
Uma ave num ramo, uma cruz num calvário,  
Um cardo, um cardo só na aridez das charnecas,  
Que as vossas preleções e as vossas bibliotecas,  
Ó sábios que negais a luz da Providência.

**Guerra Junqueiro - Prometeu Libertado**